ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 1939 N.º 5845

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

HA alguns anos focámos no nosso jornal o problema das instalações precarias das Faculdades de Letras e de Direito da Universidade de Lisboa, a primeira nos baixos do Convento de Jesus, a segunda num palacete improprio do Campo de Santana, no qual apenas uma das salas se pode considerar capaz.

Falou-se então muito na cidade universitaria; reproduzimos a planta e nela, as salas destinadas áquelas faculdades, dentro de um plano arquitetonico pedagogico, de tipo europeu.

Não sabemos ao certo que se pense, presentemente, a este respeito. Na Faculdade de Direito estão-se realizando agora pequenas obras de limpeza de paredes, num sumario revestimento de paredes, e que são de louvar.

Isto tanto póde dar a entender que se pôs de parte, por agora, dar áquela Faculdade uma instalação condigna, como significar que o estado de decrepitude interior do palacete Valmor era tal que não comportava mais demoras no seu arranjo.

* * *

NUMA aldeia francesa, proxima de Epernay, um vagabundo entrou numa casa pobre, mas limpa e honrada, e matou, com requintes de ferocidade, estrangulando-a, uma mãi de 21 anos, que acarinhava o seu filhinho, de 18 meses apenas.

Quando o marido, ao anoitecer, regressou do trabalho, deu com o seguinte quadro—o cadaver da esposa, numa poça de sangue, frio e hirto, enquanto, agarrado a ela e chorando copiosamente, o bébé a chamava, sem perceber que o genio do mal o privara do maior bem da sua inocencia.

Na alegria dum lar, onde a vida era simples e amorosa, como o desabrochar dos afectos nas dedicações apaixonadas, o crime marcou a sua passagem, cortando elos que prendiam três corações.

Baldadamente o bébé interroga a morta que não responde ao seu pranto—ela que «ouvia» o filho, mesmo na mudez e no silencio do seu berço humilde.

* * *

O NOSSO distinto colaborador sr. Adolfo Benarus reuniu em volume, com o titulo «A tragedia da historia», alguns dos mais interessantes artigos publicados no nosso e noutros jornais sobre figuras gradas da actualidade.

E' um livro que oferece o maior interesse, pela quantidade de elementos biograficos curiosos que encerra acêrca dalgumas «vedetas» da politica, das artes e das letras.

* * *

FOI nomeada uma comissão encarregada de elaborar o programa da criação da Leprosaria Rovisco Pais, e que fica composta pelos srs. drs. Bissaia Barreto e José Alberto Faria, engenheiro Risques Pereira, arquitecto Carlos Ramos e dr. J. Janne Anahory.

INFANCIA

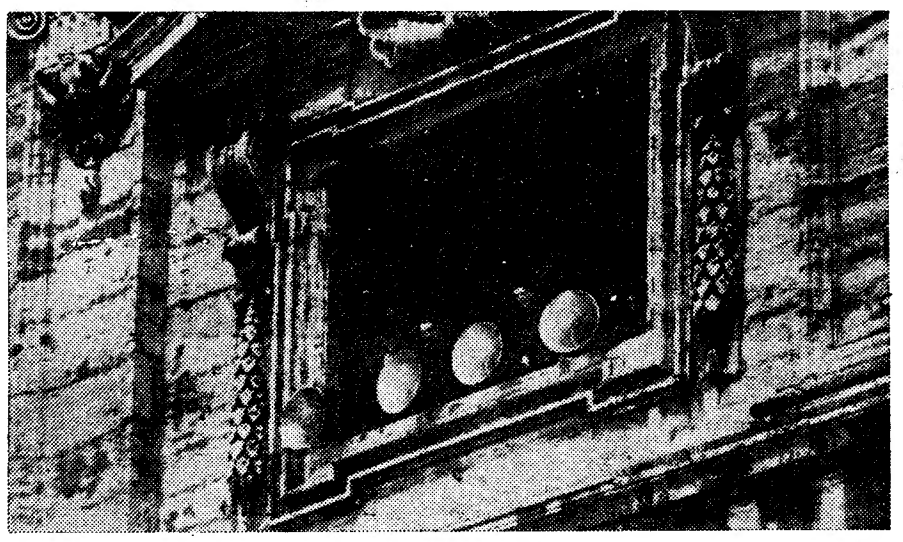
Tem sido muito bela, além de utilissima, a propaganda realizada por João de Deus Ramos a favor da melhor educação da infancia portuguesa, sobretudo da infancia desprovida de faceis amparos familiares. Ha perto de quarenta anos, com tenacidade rara, e lucida e tambem rara compreensão do problema, o criador dos Jardins-Escolas nunca desanimou no seu generoso apostolado. E como possue ideias proprias, sentido notavel de organização, e uma sensibilidade civica de vigilantes e delicadas antenas, conseguiu oferecer ao país um modêlo perfeito de escola pre-primaria, que numerosos estrangeiros admiram e que de facto veio trazer honra e gloria ao Portugal do nosso tempo.

Esse triunfo, porém, não o envaideceu, nem o imobilizou na contemplação narconizante da obra feita. Prosseguiu, prossegue na tarefa que se impôs, quer estimulando a fundação de mais Jardins-Escolas, quer difundindo e explicando os principios, métodos e normas que neles se praticam. Ainda no sabado ultimo, a convite da Liga de Profilaxia Social, expôs ao publico do Porto a orientação e o criterio que devem nortear quantos se interessam e desejam trabalhar pela saude moral e mental da criança portuguesa. Para João de Deus Ramos o ensino pre-primario, abrangendo o total adestramento de todas as faculdades do aluno, preciso é que vá aos sete anos completos. Novidade que pedagogistas e pedagogos de varias terras e varias matizes porventura estranharão, mas que o estudo sério da evolução infantil logo justifica. A criança aprenderá, pois, a ler, a escrever e a contar antes de frequentar a escola primaria tradicional. Mas não «se aprende a ler sem aprender a ver», diz João de Deus Ramos. E esta frase tão simples, tão «ovo de Colombo», sintetiza um dos mais eficientes e subtis conceitos da educação que João de Deus Ramos preconiza, e abre horizontes amplos á missão coordenadora e incitadora dos mestres. Indica-nos que, sem o contacto da vida, sem o convivio dos factos e das cousas — tudo, já se vê, á medida do raciocinio infantil — a escola será tudo, menos um alfôbre de energias a alvorecer.

«Quem não sabe ocupar a criança não sabe educar», afirma tambem João de Deus Ramos. Grande verdade, cuja interpretação exacta se tornaria de singular vantagem para todas as mãis e para todos os educadores da «casa lusitana», nem sempre atentos ao crescimento organico da criança e ás exigencias e necessidades que destes derivam. A maior parte dos irrequietismos e turbulencias dos nossos miudos provêm de quê? Da ausencia de ocupações e distracções aptas a canalizar-lhes os naturais excessos de imaginação e de emoção. A dificuldade de encontrá-las não desculpa que não se procurem. E que se encontram — João de Deus o demonstrou e provou nos Jardins-Escolas. Mas outras e mais inesperadas, patrioticas e proveitosas lições ali se recolhem, que numa se podem resumir: — o abandono da criança antes da escola primaria constitue um êrro grave, e é na escola, na educação e ensino pre-primarios que ela adquire para sempre o equilibrio indispensavel ao seu desenvolvimento futuro.

JOÃO DE BARROS

O Papa está eleito!



São estes os alto-falantes que anunciaram hoje ao povo de Roma, aglomerado na praça de S. Pedro, o nome do novo Pontifice

PIO XII

CARDIAL PACELLI

que foi eleito Sumo Pontifice

ANTONIO Pedro publicou um livrinho de versos, com desenhos muito seus, de côr alaranjada, bem apresentado na sua compostura de maravilha em ponto pequeno. Abrange onze poemas, com um molête á maneira de prefacio, e ostenta este titulo dificil de ler na capa—«Onze poemas de Exaltação».

Escusamos de dizer que Antonio Pedro é poeta e poeta que não se rende á multidão: não indaga em que altura da compreensão geral paira a sua musa.

Daqui lhe resultará, talvez, que ele passe encoberto, despercebido entre os que tudo entendem, quando pronunciado com voz grossa ou escrito em «normandos» gritantes.

* * *

FAZ hoje dez anos que desapareceu da vida Hermano Neves. Entre os que foram da sua roda, ou pertenceram á sua escola profissional, de um grande sentido de cultura e de reportagem directa, o nome do jornalista vibrante, tão nobremente afirmado num periodo aureo da Imprensa portuguesa, não esquece nunca.

Ainda que a lembrança de Hermano Neves por si perdure, a presença nesta redacção de seu filho, nosso querido camarada, dr. Mario Neves, mais nos aviva hoje a memoria do escritor e do jornalista, a quem se ficaram devendo algumas das mais belas paginas do jornalismo português contemporaneo.

VIDA ARTISTICA

A exposição Julio de Sousa

A definição substantiva deste artista é a escultura. E' a sua qualidade maior, mais completa, onde melhor se afirma tanto a sua força como a sua inspiração. Nas horas vagas do «atelier», quando os barros humidos e porosos vão adquirindo aquele ritmo de certeza, que é a sua expressão definitiva, Julio de Sousa desenha recreando sôbre um friso de modelos femininos algumas notas de espiritualidade, em que a realidade fisica é, por vezes, uma intrusa. Julio de Sousa gosta das exposições ecleticas, em que haja um pouco de tudo, talvez, no intuito de prender o visitante, embora sem intenção mercantilista, ou de dar ao seu salão um ambiente finamente decorativo. E' este ultimo aspecto que melhor se destaca no certame, ontem inaugurado no Secretariado da Propaganda Nacional. Trata-se dum brilhante conjunto de expressões plasticas, inteligentemente selecionadas e apresentadas que vão desde o boneco de barro, de feição caricatural até ao nu estatuario, de envergadura monumental.

Os seus bonecos de barro, humanidade infantil, se considerarmos o seu pequeno volume, são bem curiosos. Julio de Sousa consegue, esboçando, apenas, as formas, dar-nos, em absoluto, o tipo que pretendeu reproduzir.

Vamos citar alguns que conhecemos directamente, e sôbre cuja exactidão fisionomica podemos, pois, melhor confiar. Luiz de Oliveira Guimarães, um grande nariz judaico, e uns oculos de largo diametro, que parecem as pupilas dum mocho; Jorge Colaço, com a sua gaforina romantica; Esculapio, alto como um poste telegrafico, com uma perna enrodilhada, «sombrero» largo, e gravata taful; Ramada Curto, com a sua cabeça grandiosa que parece um hemisferio; Greta Garbo, na «Maria Valeska», corpo coleante, serpentino, levemente quebrado nos rins; Afonso Lopes Vieira, com o seu sobretudo quadrado, e o seu monoculo de fino espirito, e tantos outros, flagrantemente surpreendidos no que eles têm de essencial na personalidade.

Os bustos são curiosos. O artista procura, de preferencia, o modelo feminino. O seu estilo tem qualquer coisa de moderno, de excitante, e até mesmo, se quisermos ser compreensiveis, de cinematografico. Neste genero acusa o mesmo poder de sintese, conseguindo dar-nos uma serie de «olhares» de viva penetração, o que é dificil, visto que, em escultura, a pupila, classicamente, só se pode reproduzir ou em «vasio» ou em «cheio». O artista, porém, inovou, acusando não só as palpebras, mas as pestanas dos modelos, das quais obtêm efeitos curiosos de sombra e de expressão. Os seus melhores bustos, no total plastico, são o de Mario Graça, flôr de mimo espiritual, com qualquer coisa de florentino, e o de Augusto de Abreu, que é uma bela geometria escultorica.

Quatro «pinturas» e varios desenhos completam esta interessante exposição, dum artista que dentro de si proprio, encontrou uma estetica e um pensamento de arte.—A.

Um divorcio em Hollywood

Depois de 15 anos de casados, o artista cinematografico Wallace Beery e Rita Gillman resolveram divorciar-se amigavelmente. Wallace Beery, interrogado sôbre o assunto, declarou que o caso fôra resolvido nos mais amigaveis termos e que não meteria advogados. Acrescentou que foi decidido que a filha adoptiva de ambos, Carol Ann, esteja seis meses na companhia de cada um deles e que, mesmo depois de decretado o divorcio, ele e a sua ex-mulher passam a ser dois bons amigos. Rita Gillman partiu na terça-feira ultima para o Reno, e é a segunda esposa de Wallace Beery, que casou em primeiras nupcias com a conhecida estrela do cinema Gloria Swanson

Um espectaculo promovido
pelos funcionarios das cadeias

Na proxima segunda-feira, ás 21 horas, realiza-se, no salão de festas de «A Voz do Operario», um interessante espectaculo promovido por um grupo de funcionarios das cadeias civis e patrocinado pela Associação do Patronato das Prisões, revertendo uma parte do produto a favor da créche da cadeia das Monicas. Oportunamente publicaremos o respectivo programa, no qual figuram populares artistas teatrais e os mais apreciados cantadores de fado. fado.

Navio em perigo

BOSTON, 2—Os serviços dos guarda-costas interceptaram um S. O. S. do navio canadiano «Ranger», que anunciava que este metia agua com grande rapidês. Parece que se trata dum barco de pequena tonelagem, que deve encontrar-se 385 milhas a nordeste de Halifax.—(Havas)

Execução em Berlim

BERLIM, 2.—Arthur Roso, de 19 anos, que foi condenado á morte no dia 27 de fevereiro por ter agredido um automobilista, foi decapitado esta manhã a machado, em Berlim.—(Havas).

MOBILIAS DA GRANJA

Modêlos de incomparável beleza sempre por preços fora de toda a concorrencia. Visite nas Exposições. Em Lisboa: Calçada do Sacramento, 8 (ao Chiado). Em Coimbra: Av. Navarro, 41.

Foi lançado á agua
um novo vapor para serviço na coolnia de Moçambique

HAIA, 2.—Em Nederhardinxveld, realizou-se ontem nos estaleiros de Merwede, o lançamento á agua, do novo vapor «Lumane» que a Empresa do Limpopo ali encomendou, para serviço em Moçambique.

Estavam presentes as autoridades locais, os representantes do Lloyd's, directores e engenheiros dos estaleiros, assim como o dedicado consul honorario de Portugal, sr. Johan Voetlink.

Sua esposa, sr.ª D. Herminia Voetlink serviu de madrinha no baptismo, partindo na prôa do barco a tradicional garrafa do «Porto». Os estaleiros estavam profusamente embandeirados, vendo-se nos mastros grandes as bandeiras de Portugal e da Holanda. Foi uma verdadeira festa de confraternização entre as duas nações amigas.

Falaram o director dos estaleiros, sr. J. A. van der Vlies, assim como o engenheiro construtor naval sr. E. van Dieren, um representante do burgomestre e outros oradores, tendo a série dos discursos sido fechada por entusiasticas palavras do sr. Johan Voetlink, que saudou os armadores, os estaleiros e o seu representante em Portugal, sr. Mario de Noronha, fazendo votos para que a construção deste navio seja seguida de muitas outras para serviço nas nossas colonias e mesmo para a Metropole. Foram oferecidos á esposa do sr. Voetlink ramos de flores, tendo a festa terminado ao som dos hinos português e holandês.

Café Restaurante - TAVARES
(O mais confortavel de Portugal)
LANCHES para Casamentos e Banquetes. LAGOSTAS, LAMPREIAS, SALMÃO recebido diariamente para os Almoços e Jantares. Almoços e Jantares para fora.—Telef. 21112.

Opiniões da Imprensa

Sobre a questão espanhola

O «Jour» escreve:

«Todo o país se felicitará pela escolha, tão altamente significativa do marechal Pétain».

O «Petit Parisien» diz:

«Devemos admirar o espirito de dedicação patriotica que determinou a aceitação do ilustre militar, que, mais uma vez, se coloca ao serviço do seu país».

O «Journal» afirma:

«E' bom que, para consagrar o renascimento nacional da Espanha, a França tenha escolhido o mais glorioso sobrevivente da provação de que saiu ressuscitada».

O «Excelsior» declara:

«O marechal Petain exerceu o comando em chefe dos exercitos franceses que participaram na vitoriosa expedição do Riff, onde o exercito espanhol era comandado por Franco. A recordação desta fraternidade de armas será, certamente, de molde a criar o clima mais favoravel para se estabelecerem relações cordiais e confiantes entre a Espanha e a França».

«L'Epoque» esclarece:

«Franco encontrará na sua frente o glorioso soldado, aluno da mesma escola e com os mesmos gostos. E' de esperar que se compreendam, para felicidade dos dois países».

Sobre as relações anglo-italianas

O «Jour» diz:

«E' de prever, para dentro de poucos dias, uma nova diligencia de Lord Perth, a-fim-de formular, em tom mais energico, o espanto e o pesar da Grã-Bretanha causado pelo novo envio de tropas italianas para a Libia».

Sobre a viagem do conde Ciano

O «Figaro» diz:

«E' interessante notar que um alto funcionario polaco declarou que não se concluira nenhum acôrdo de solidariedade polaco italiano, em relação com as reivindicações da Italia. Frisou, igualmente, que um dos pontos essenciais da politica polaca é conservar a sua completa independencia».

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18×24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 1, 1.º ANDAR — LISBOA — TELEF. 4 7063

ACABEM COM O ENGANO DOS DESCONTOS

Peçam as novas Tabelas com preços liquidos aos

AGENTES DOS PNEUS

ALL-STATES BERGOUGNAN CONTINENTAL
DUNLOP ENGLEBERT FIRESTONE
FISK GOODYEAR INDIA
KELLY MICHELIN PHOENIX
PIRELLI ROYAL SEIBERLING

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Como se avalia o exito duma obra? Pela repercussão no publico, não é verdade? O que dizer, pois, da «Aldeia da Roupa Branca», que ha três meses está nos écrans de Lisboa, com um triunfo continuo, absoluto? O mais interessante, porém, é que o seu sucesso já passou as fronteiras.

Será verdade, como se diz, que uma empresa alugadora francesa o quere exibir em Paris? Que as negociações com o Mexico para a sua exibição ali vão muito adiantadas? Ainda outra inconfidencia: que o filme vai ao Brasil, onde será apresentado por Chianca de Garcia, o seu realizador e, possivelmente por uma artista feminina, que tem um lugar primacial no seu desempenho.

Ora aqui estão três noticias que, dentro em breve terão a sua confirmação oficial.

Atrás do reposteiro

Como a farsa «Os Anjinhos» se vai representar ainda até ao proximo domingo, a estreia da comedia «A Fidalga de Arronches» já não se efectua amanhã, como estava anunciado.

— Inaugurou-se ontem, no Rio de Janeiro, os espectaculos teatrais subsidiados pelo governo do Brasil, num teatro daquela cidade, com uma companhia de comedias.

— Se por qualquer motivo se não efectuar a «tournée» duma das nossas companhias ao Brasil, a respectiva empresa está a preparar uma larga digressão pela Africa portuguesa.

— Os artistas que vão representar no Apolo a revista «O João do Grão» assinaram ontem o respectivo documento para a constituição da sua sociedade artistica.

— Faz hoje anos a ilustre actriz-empresaria Amelia Rey Colaço.

— Volta a falar-se na possibilidade de se representar em Lisboa o «vaudeville» «Os Ardinas», fazendo a actriz Mariamelia o principal papel feminino.

— Ficaram no Porto, depois dos espectaculos do Carnaval, os actores Soares Correia e Octavio de Matos.

— O artista-empresario Procopio Ferreira apresentará este mês a sua companhia no Rio de Janeiro, independente das combinações feitas com o Serviço de Teatro e, portanto, sem subsidio do Estado.

— Foi contratado para a Companhia Teatral Portuguesa o ponto de teatro Mario Soares.

— Com a sua companhia regressou de S. Paulo ao Rio de Janeiro, o empresario Jardel Jercolis, que ali recomeçará brevemente uma nova temporada de revistas brasileiras.

— Seguiram para o Porto os artistas da companhia de que fazem parte Mirita Casimiro e Vasco Sant'Ana que se estreiam amanhã no Sá da Bandeira com a revista «A Rua da Paz».

— A companhia do teatro metalico Rentini, instalado no Jardim Passos Manuel, do Porto, está agora a representar a peça musicada «Mãos cheias de rosas».

— Está de luto pelo falecimento de seu irmão, o escritor teatral portuense Heitor de Campos Monteiro, a quem enviamos as nossas condolencias.

— Está definitivamente assente que a companhia Maria Matos, terminada a sua tempo-

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

«A nodoa negra», no teatro Nacional

O teatro Nacional matou-nos ontem as saudades duma boa comedia francesa, escrita com aquela leveza de espirito e aquela segurança de teonica em que primam autores de além Pireneus.

«Pamplemousse», de André Birabeau, é no genero uma obra modelar, sobretudo pela graça esfusiante com que o autor consegue preencher três actos, vestindo com um dialogo de renda uma anecdota fragil, embora deliciosa e duma originalidade excepcional.

Lucilia Simões

O que mais nos encanta na comedia de Birabeau é precisamente o tom de filosofia amena e bem humorada que caracteriza o dialogo. A par desse regalo espiritual que nos oferece, e que tem a marca da sua categoria literaria, o autor criou situações burlescas que asseguram á obra um verdadeiro exito de gargalhada.

A acção é conduzida com inteligencia e naturalidade. Os tipos são perfeitos de observação e de conteudo humano. A caricatura, deformando-lhes os defeitos em proveito do comico, conserva-lhes os traços com uma fidelidade absoluta.

Comedia de costumes, não deixa de ter um sentido mais profundo e uma intenção mais elevada do que a dum simples divertimento teatral. Há que considerar nela o elemento social sob este aspecto que se nos afigura novo em teatro: os preconceitos de raça postos á prova no seio duma familia burguesa onde se operam reacções de efeitos diferentes em face da mesma causa, e cuja trama o autor conduz, um pouco artificialmente, diga-se de passagem, mas com muito bom coração, e sobretudo com muito espirito para um desfecho optimista.

Contar a anecdota seria roubar aos espectadores o inedito do imprevisto, que mantem sempre atenta a curiosidade da plateia. Vamos antes referir-nos ao desempenho, que neste caso vale tanto como a peça e que a valorizou extraordinariamente, dada a qualidade excepcional dos interpretes e a afinação primorosa do conjunto. E' consolador verificar que, no meio da derrocada em que se subvertem entre nós as ultimas ilusões teatrais, ainda temos uma companhia de declamação que *pode representar assim*. Espectadores que assistiram á representação desta peça em Paris confessavam ontem nos corredores do teatro Nacional —não é verdade, Erico Braga?—que o desempenho dos artistas portugueses era incontestavelmente superior á interpretação francesa.

Um verdadeiro elenco de oiro teve a seu cargo os diferentes papeis, alguns dos quais nem sequer justificam pela sua importancia a categoria dos artistas que se encarregaram deles. Mas que admiravel exemplo de disciplina esses artistas deram, descendo do seu pedestal para fazer um trabalho que era licito supôr que fôsse entregue a figuras secundarias. E mais uma vez se prova que não há papeis pequenos quando os interpretes são grandes.

Duas avós de genio diferente, mas no fundo com a mesma alma bem formada, foram interpretadas por Palmira Bastos e Lucilia Simões. Que bela lição de arte de representar nos deram as duas ilustres actrizes! Se Palmira Bastos foi amavel, persuasiva e carinhosa, como convinha ao papel, imprimindo-lhe a marca da sua distinção e do seu talento histrionico, Lucilia Simões criou um tipo magistral, cheio de pormenores deliciosos, em que admirámos tanto os primores da dicção, como a naturalidade surpreendente do gesto e a intenção perfeita do jogo fisionomico.

Amelia Rey Colaço representou no tom ajustado ás circunstancias, com elegancia e dignidade. Nascimento Fernandes tirou o melhor proveito da sua brilhante fantasia comica. Maria Clementina desenhou com muito pitoresco um tipo conhecido de bisbilhoteira. Samwel Diniz houve-se com a sua habitual correcção. Vital dos Santos compôs uma bela mascara de medico de provincia e Maria Brandão pediu emprestada ao *baton* castanho uma velhice precoce—e, felizmente, passageira.

A grande dificuldade do desempenho era conseguir quatro interpretes infantis sôbre os quais assenta uma boa parte da anecdota. Dois deles pertencem ao elenco do teatro Nacional e adaptam-se perfeitamente ás exigencias da distribuição: Maria Lalande e Pedro Lemos. A primeira foi deliciosamente infantil e o segundo procurou vencer com inteligencia as dificuldades que o papel lhe oferecia. Mas há outros dois interpretes, duas crianças recrutadas *ad hoc* e que deram provas admiraveis ida sua habilidade nascente: Jorge Temudo e Pedro Burgos. A plateia enterneceu-se com a ingenuidade, a graça e a compostura da sua interpretação.

Nascimento Fernandes

Uma cena unica, arranjada primorosamente, dá-nos a impressão de que *aquela gente vive ali*, o que nem sempre se consegue em palcos portugueses, com excepção da Casa de Garrett, onde a visão intelligente e clara de Amelia Rey Colaço, o seu gosto requintado e os seus conhecimentos teatrais operam verdadeiros milagres.

Fernando Santos e Alvaro Santos deram-nos uma tradução facil, teatral, em que o dialogo mantem o melhor das suas qualidades originais.—N. L.

TEATRO NACIONAL
HOJE – Ás 9 e 30 – HOJE
2.ª Representação da peça em 3 actos de ANDRÉ BIRABEAU, tradução de FERNANDO SANTOS e ALVARO SANTOS
A NODOA NEGRA
(PAMPLEMOUSSE)
com PALMIRA BASTOS, LUCILIA SIMÕES, AMELIA REY COLAÇO, NASCIMENTO FERNANDES, SAMWEL DINIZ, e Maria Lalande, Maria Clementina, Maria Brandão, Vital dos Santos e Pedro Lemos

AVENIDA
Hoje: A's 9 1/2 horas e até domingo, 5
Em «matinée» e «soirée»
As ultimas representações da farça
OS ANJINHOS
A seguir:
A FIDALGA DE ARRONCHES

Beatriz Costa
NUM NOVO TRIUNFO
E'
a alegria e a vida da Revista
EH! REAL!
no VARIEDADES
Todas as noites: A's 8,45 e 11 horas

A GRAVATA CHIQUE DAS PESSOAS DE BOM GOSTO

Ovos para incubação
Chocadeiras-Criadeiras, Pintos de raças seleccionadas, anilhas, farinhas alimentares para aves
Consulte a:
Agencia I. Representações, L.da
220 - Rua da Madalena — 224
Telefone 2 3616 - Lisboa

EDEN-BAR-DANCING
HOJE, Quinta-Feira, 2 — YOLANDA BADURA, do Casino de PARIS
A artista classica que ontem se estreou, deslumbrando a numerosa e selecta assistencia deste DANCING com a sua escultural beleza.
ORQUESTRA "CARAVANA"

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz — HOJE, às 21,30 — Telef. 27172 — 100 homens e uma rapariga — com a graciosissima Deanna Durbin e o celebre maestro Leopold Stokowekx.

CENTRAL TEL 24381 — Telef. 24381 — A's 21 e 30 — ESTREIA — Minha ex-mulher e eu — com William Powell e Jean Arthur

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283 — Campeão á Força — com Fernandel, Armand Bernard e Monique Roland

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163

TERRASSE — Tel. 2 9017 — Corsario Lafite — Conheci-o em Paris

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595 — SUEZ — com Tyrone Power, Annabella e Loretta Young

POLITEAMA — A's 21 e 30 — Telef. 26305 — Aldeia da Roupa Branca — com Beatriz Costa, M. Santos Carvalho, Elvira Velez, etc. — aos preços habituais deste cinema: 7$00 a 2$50

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — Prisão sem grades — Um tenente endiabrado

LYS — Tel. 48560 — Corsario Lafite — Conheci-o em Paris

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Outra Aurora

EDEN — A's 21 e 30 — Telef. 2 0768 — Regresso ao lar — com Danielle Darrieux — COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES — A's 21 e 30 — Telef. 2 2523 — Mulheres Ciumentas — com Susy Prim, André Luguet, Dorziat e Charpin

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 A's 21 — Branca de neve e os sete anões — Asas na tempestade

PARIS — A's 20 e 30 — O regresso do rouxinol — Scipião, o Africano

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — A Revista de Goldwyn — A mulher que destruiu Salonica

SOLAR DA ALEGRIA — Telefone 2 4290
HOJE — Espectaculo extraordinario - HOJE
Festa artistica do popular cantador VITOR DANIEL
Grandioso desfile de artistas de Fado, Teatro e Musicais
Noite de Fado — Noite de Alegria
Os melhores cantadores e cantadeiras. ZÉ MANEL (rei do cavaquinho), o eximio acordeonista Anibal Tapadinhas.
Consumo 2$50
Marque ainda hoje a sua mesa

RETIRO DA SEVERA — Telefone 2 5979
HOJE - Noite da Moda — HOJE
Programa Especial de Fados e Guitarradas — Berta Cardoso, Natalia dos Anjos, Alfredo Marceneiro, José Porfirio, Modesto Maia. Variações por Armandinho e Jaime Santos com Santos Moreira e Alberto Correia.
CONSUMO 2$50 — ENTRADA 1$00

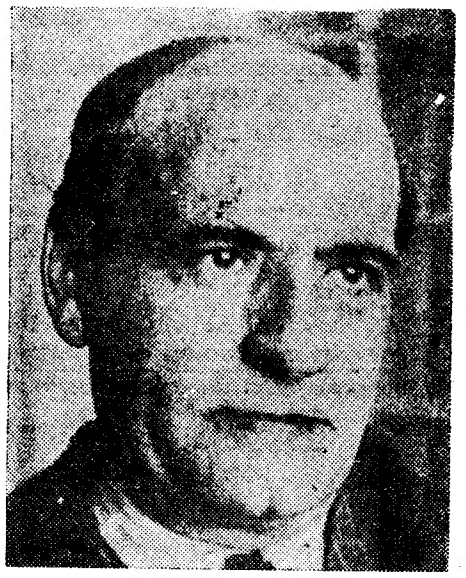
CAFE' MONDEGO — Tel. 2 5676
Hoje ás 21 horas: Lucilia do Carmo, Francisco Santos e o episodio carnavalesco «A Grande Fita» de autoria de Francisco dos Santos.

UM INTELECTUAL ESPANHOL

D. José Ortega y Gasset

trocou hoje algumas palavras

com um redactor do «Diario de Lisboa»



D. José Ortega y Gasset

D. José Ortega y Gasset, o filosofo de «La Rebelion de las Masas» e de tantas obras duma grande elevação, estilista e pensador notavel entre todos os da sua geração, foi uma das pessoas que tiveram mais profunda intervenção na marcha dos acontecimentos do seu país. Estão ainda na memoria de todos os que seguiam a vida intelectual da Espanha não só os seus livros, mas tambem os seus artigos em «El Sol» e noutros jornais. Fundou, com D. Gregorio Marañon e com D. Ramon Perez de Ayala, o agrupamento «Al servicio de la Republica», que foi o fermento intelectual que levedou a massa com que em 1931 se fez o novo regime espanhol. Porém, como aconteceu em Portugal a Machado dos Santos, a Basilio Teles, a Sampaio Bruno e a tantos outros idealistas, verificou que aquilo não era a Republica que ele havia sonhado. E, como muitos dos seus companheiros, remeteu-se a um discreto silencio. Um dia, o furacão tremendo da guerra civil levou-o a sair de Madrid. E desde então conserva-se no estrangeiro, assistindo, confrangido, á tragedia que está dessangrando a Espanha.

O ilustre escritor chegou a Lisboa, com sua esposa, e hospedou-se no «Hotel d'Europe». Recebeu-nos, e, depois de agradecer as nossas saudações, pediu-nos que não o interrogassemos:

—Não faço declarações. Mas isto não é de agora, nem de ha três anos. E' de ha sete anos. Desde 1932 que não dou entrevistas para jornais...

—Mas, embora não queira falar de politica, pode dizer-nos alguma coisa, certamente interessante, sobre literatura, filosofia, arte...

Nova recusa.

—Compreendemos perfeitamente que tenha grandes motivos para se calar.

Mas a sua passagem por Lisboa tem que ser assinalada pela Imprensa. Não se trata duma pessoa qualquer, mas dalguem que, sobretudo nos meios intelectuais portugueses, goza duma admiração e duma popularidade grande...

D. José Ortega y Gasset, vergado ao peso das tragedias morais e do seu sofrimento fisico, já não se limita a pedir-nos que o deixemos. Implora:

—Tive que sujeitar-me recentemente a duas operações. Ainda me ressinto da ultima. Necessito, portanto, de descansar. E foi por isso que vim para Portugal, na esperança de encontrar aqui o repouso que ambiciono. Irei passar duas semanas ao Algarve.

—Terá a ilusão de se encontrar na Andaluzia, matando assim saudades da sua Espanha. E depois?

—Depois, regressarei a Paris, onde tenho o meu domicilio.

—Mas, só entretanto acabar a guerra...

—Em qualquer caso, de Portugal irei a Paris. Ali tenho estado sempre, desde que saí do meu país. Só de vez em quando é que tenho ido passar pequenas temporadas á Holanda, onde conservo muitas amizades.

—Durante o seu exilio, tem feito conferencias ou escrito livros?

—Nada. Durante este tempo, tenho quasi sempre estado doente. E ultimamente os meus padecimentos agravaram-se de tal modo que tive que sujeitar-me ás intervenções cirurgicas.

Tornava-se cada vez mais dificil insistir. Era, portanto, necessario aproveitar todos os recursos:

—Tem uma fotografia qu enos empreste?

—Não. Quando saí de Madrid, ficou-me lá tudo, E, depois disso, não tive mais disposição para tirar o retrato.

—Em que altura abandonou a capital espanhola?

—No fim de agosto de 1936, ou seja mês e meio depois de começar a guerra.

Passa no nosso espirito a recordação de que Ortega y Gasset, como Marañon, Perez de Ayala e outros idealistas republicanos, horrorisados com a marcha dos acontecimentos, quebraram qualquer solidariedade com os responsaveis por tantos horrores. E lembramo-nos de que ofereceram á Espanha nova o melhor da sua vida: o sangue dos seus filhos.

—Os seus dois filhos estão na frente de Madrid?

—Não. Primeiro combateram na frente de Valencia, até á liquidação do caso de Teruel, e depois tomaram parte nas operações da Catalunha.

Por mais que quisessemos, não podiamos deixar de insistir no pedido dalgumas palavras acêrca da guerra da Espanha. E como o sr. D. José Ortega y Gasset tivesse um gesto de impaciencia, confirmador da sua decisão de não quebrar o silencio a si proprio imposto, fomos ao encontro das suas ideias, facilmente compreensiveis:

—«Que termine pronto!».

—«Claro!».

E nem mais uma palavra.

Terminou o cruzeiro

de dois navios italianos

ROMA, 2.—Com a chegada a Cagliari dos cruzadores «Eugenio di Saboia» e «Duca di Aosta» terminou o cruzeiro daqueles navios. A' entrada de Cagliari foram recebidos por uma esquadrilha de submarinos, que os acompanhou até ao porto.

Durante o cruzeiro visitaram 22 portos em 10 países sul-americanos, e 7 colonias ou possessões estrangeiras na Africa. Receberam a visita de mais de 50.000 pessoas. Os almirantes e oficiais foram recebidos por 8 Presidentes de Republica e 5 governadores gerais de Colonias. A bordo estiveram 4 Presidentes de Republica.—(United Press).

«Quinzena de Portugal» em Londres

Uma conferencia do sr. Eça de Queiroz

LONDRES, 2—O sr. Eça de Queiroz um dos delegados portugueses que vieram a Londres para participarem na Quinzena de Portugal, presentemente organizada em Inglaterra, falará pela radio pouco depois das 22 horas (gmt.) a respeito da Quinzena que tem por fim estreitar ainda mais se é possivel, os laços que unem Portugal á Grã-Bretanha. A palestra do sr. Eça de Queiroz será difundida em ondas medias, principalmente de 342 metros e 877 quilociclos, e por varios postos. Julga-se saber que o embaixador de Portugal acompanhará o sr. Eça de Queiroz á sede de «British Broadcasting Corporation».—(Havas)

A ELEIÇÃO DO SUCESSOR

Os primeiros escrutinios fo

mas tudo leva a crer que o conc

CIDADE DO VATICANO, 2.—O primeiro escrutinio do conclave deu resultado negativo.—(Havas).

Este telegrama foi recebido em Lisboa cerca das 11 horas. A's 11 e meia recebemos este outro:

CIDADE DO VATICANO, 2.—O segundo escrutinio deu tambem resultado negativo.—(Havas).

Estes telegramas não são de estranhar, senão no facto de se haverem realizado dois escrutinios logo na primeira manhã do conclave, o que corresponde a um proposito de apressar o resultado final.

A norma é realizarem-se dois escrutinios por dia, de manhã e de tarde, mas conclaves tem havido em que se força o ritmo. Em 1914, por exemplo, o conclave durou só quatro dias e deu dez escrutinios. Mas o de Pio XI, em 1922, deu dezassete escrutinios em onze dias, menos de dois por dia.

Esta sucessão de escrutinios deriva do facto de ser necessario dois terços dos votos para a eleição: no caso presente (62 cardiais) é indispensavel reunir 42 votos.

Por mais conversações preliminares e trocas de impressões que nos ultimos dez dias se tenham registado entre os cardiais, reunidos varias vezes em congregação á margem do conclave, a verdade é que o resultado dos dois escrutinios matutinos indica que ha divisão de opinião, ou correntes nitidas opostas.

Mas tudo leva a crer que este conclave seja curto. E' esta a impressão nos meios de Roma.

Porquê?

Porque as Eminencias tiveram tempo para se entenderem—diz-se.

O certo, porém—a ter havido discretas sondagens preliminares—é que os cardiais, logo que entram no conclave, são outros homens. Toda a pressão do exterior se desfaz. Entregam-se á sua consciencia, «acolhem-se ao Espirito Santo», e revêm os seus propositos de escolha.

Assentemos, pois, por previsão, que o conclave durará poucos dias, não sendo de espantar que no escrutinio da tarde se elegesse o Papa.

Ha candidatos de Mussolini, ou seja da Italia fascista?

Ha candidatos dos países das democracias?

Ha candidatos neutros, isto é—que não representam corrente alguma politica exterior?

Se ha—os cardiais passaram a ignorá-lo, logo que se reuniram.

Assegurar os destinos da Igreja—eis tudo.

No primeiro escrutinio, em regra, os votos dividem-se muito. A's vezes as Eminencias que reunem maior numero de votos, sucumbem nas outras voltas do escrutinio, após transigencias tacitas, o reconhecimento da impossibilidade de teimar, o aperfeiçoamento de um «tertius», no qual poucos pensavam e é a-final aquele que o Espirito Santo—inspirador do conclave—designa.

Quando a certa altura dos escrutinios um cardial atinge a maioria, começa a desenhar-se o resultado. Os oposicionistas vão transigindo. Então todos procuram assegurar-se de que o candidato mais favorecido aceite. Ele roga-se, chora em certos casos, considera-se indigno, suplica que lhe não dêem mais votos. Mas volta-se á Capela Sixtina e o escrutinio a seguir é em regra decisivo.

Desta vez—e nisso parece haver quasi unanimidade de previsães—o novo papa será um pastor de almas, mais santo que politico. E assim se cumprirão as profecias...

O fumo que indica o resultado negativo dos sufragios é negro, porque se faz queimar os boletins de voto juntamente com palha humida.

Quando o papa está eleito o papel queimado, sem palha, dá a côr branca na «sfumata», que na praça de S. Pedro centenas de milhares de pessoas esperam ansiosamente.

Sabe-se que desta vez o posto de radio do Vaticano anunciará imediatamente ao escrutinio que foi eleito o papa, mas não dirá quem é.

Só meia hora depois o nome do novo Pontifice será anunciado da varanda de S. Pedro, a menos que o novo Pontifice, como fez Pio XI, ás 11 e meia da manhã de 13 de fevereiro de 1922, apareça ele proprio á varanda para abençoar a multidão, facto surpreendente que foi tomado então como uma atitude liberal do cardial Ratti.

Quanto ás previsões—cessaram já. Nos que se deitam a adivinhar sobe a cotação de alguns cardiais da Curia sobre a dos diplomatas e mesmo a de alguns dos prelados diocesanos.

Apareceram nomes novos, porque recolhidos os cardiais—os que com ele privaram no mundo exterior começam a deixar cair inconfidencias.

—Fossati? Dalla Costa? Piazza? Nasalli-Rocca? Schuster-Pacelli? Maimaggi? Dolci? Rossi? Salotti? Lavitrano?

Talvez nenhum destes...

A multidão diante de S. Pedro

CIDADE DO VATICANO, 2 — Por ordem do arcebispo vice-gerente de Roma, começaram esta manhã, em todas as igrejas paroquiais preces publicas pela eleição do novo pontifice.

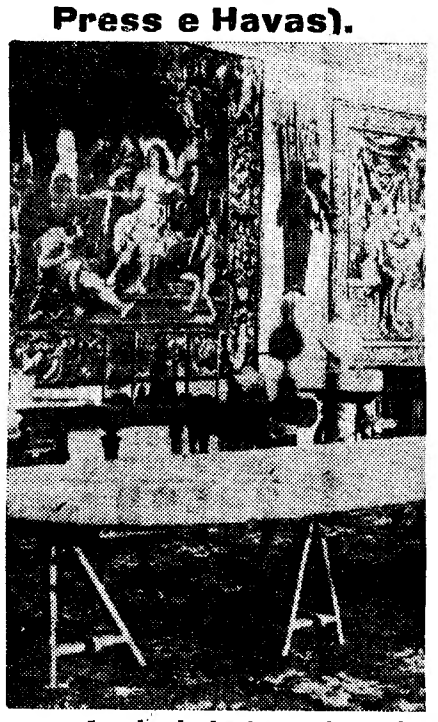
Os cabidos das quatro basilicas pontificias—S. João de Latrão, a catedral do Papa; S. Pedro; S. Paulo «extra muros», e Santa Maria Maior—celebraram missas especiais pela eleição do novo papa.

Desde as 9 horas que se começou a juntar muita gente na vasta praça de S. Pedro. Todos estavam convencidos de que o papa não seria eleito no primeiro escrutinio, mas todos quiseram vêr a «sfumata» negra elevar-se, pesadamente, nos ares, a anunciar que o resultado do primeiro escrutinio fôra nulo. A' medida que o tempo decorria aumentava o numero de curiosos, que de olhos fitos na chaminé, que se elva da ultima janela superior da capela Sixtina, anuncia o resultado das votações.

Densos grupos de seminaristas, de religiosos e de religiosas matizam, e

Foi eleito o

CIDADE DO VAT
(hora local) abriu a
soube se que fora
que ocupara o elev
de Estado.
Pacelli tomou o
Press e Havas).



A sala de jantar onde os 62
durant

E PIO XI

ram negativos

ave será breve

coloridos vistosos, com a policromia das suas sotainas e habitos, a grande mancha viva, que alastra, cada vez mais, na partee baixa da praça, em frente da grande escadaria que conduz á basilica. Religiosas recitam o rosario. Eclesiasticos rezam. Mais vendedores ambulantes oferecem revistas com os retratos dos cardiais apontados os mais «papabili».

Nos ares ouvem-se nomes cardinalicios que se lançam com convicção, como os do futuro papa; outros são terminantemente excluidos da tiara.

De subito, elevam-se vozes: «la sfumata, la sfumata»; é nera, sfumata nera. «Il papa nom é fatto» e ainda não ha papa!

Efectivamente, da chaminé do conclave, ás 12 horas e 18 (hora de Roma), saía um delgado fio de fumo de côr negra, indicando que o resultado da primeira votação do conclave resultara nulo, por nenhum dos cardiais votado ter alcançado o numero de votos necessario para ser eleito papa.

Toda a gente devora, com o olhar, a chaminé da Sixtina, seguindo interessadamente as espirais negras do fumo que, pouco a pouco, se vai esbatendo até desaparecer no alto, e com elas a esperança—que já era uma certeza—de que não haveria papa, no primeiro escrutinio do conclave. Os grupos começam a dispersar. Trocam-se apertos de mão, combinando-se o encontro, para o segundo escrutinio, para voltar a vêr a «sfumata nera», ainda, a anunciar que tambem não haverá papa.—(U. P.)

O protocolo do conclave

CIDADE DO VATICANO, 2 — A primeira manhã do conclave abriu-se, segundo o protocolo preestabelecido, com missa rezada celebrada na Capela Paulina pelo cardial Granito di Belmonte, decano do Sacro Colegio, que deu a comunhão aos outros cardiais e depois pronunciou uma alocução. Depois, em cortejo, os cardiais dirigiram-se para a Capela Sixtina através da Sala Real, cantando o «Veni Creator Spiritu». Então, o principe Chigi, marechal do conclave, fechou a porta da capela exteriormente e o cardial Pacelli, camerlengo, fechou-a interiormente. Os cardiais sentaram-se nas cadeiras, que lhes foram reservadas, por cima das quais está um docel aberto. Só um deles, porém, ficará estendido quando dois terços dos 62 cardiais tiverem chegado a acôrdo sobre a escolha de um deles. Lá fóra, a multidão impacienta-se. Muito antes das 10 horas via-se já numerosa multidão na praça de S. Pedro, a qual estava contida por um importante serviço de ordem. Entre a multidão predominam os religiosos com suas sotainas de diferentes côres. Vêem-se muitos estudantes. Trocam-se prognosticos, e ainda os cardiais não entraram na capela já olhos impacientes julgam vêr a «sfumata»... Vêem-se tambem muitos operadores de cinema e jornalistas, alguns deles pendurados nos restos das demolições das velhas casas que outrora constituiam os pitorescos «borghi».—(Havas).

Esperanças desfeitas

CIDADE DO VATICANO, 2.—Os dois escrutinios desta manhã para a eleição do papa duraram mais tempo do que se esperava. Com efeito, pensava-se geralmente, segundo as experincias dos anteriores conclaves, que a famosa «sfumata» apareceria o mais tardar cêrca das 11 e 45 quando as primeiras volutas negras começaram a elevar-se do palacio episcopal ás 12 e 16. Já depois das 12 badaladas do meio dia terem soado no grande relogio de S. Pedro começava-se a pensar, tanto nos serviços do Vaticano situados fora do recinto do conclave, como entre a multidão imensa que se comprimia na praça de S. Pedro, que o novo chefe da cristandade era realmente eleito e que a demora no aparecimento do fumo era devida ás formalidades que devem realizar-se na Capela Sixtina entre o momento em que se conhece o resultado do escrutinio e aquele em que se queimam os boletins de voto.—(H.)

Espera-se o terceiro escrutinio

CIDADE DO VATICANO, 2.—A's 12 e 16 um unico grito se ergue da multidão—«La sfumata». Não se distingue ainda se é branco ou preto. Todos os espectadores com os olhos voltados para a chaminé nas pontas dos pés, são presos duma intensa emoção. «E' branco! Não; é preto!»—exclama-se. Hesita-se, mas já não ha duvida. A's 12 e 17 o fumo aparece preto, e a sua curta aparição dá a certeza disso. Sabe-se com efeito que se o papa tivesse sido eleito o fumo duraria muito tempo. O silencio que de repente se fizera na imensa praça de S. Pedro, é substituido agora por um vasto ruido. Cada qual discute, dá a sua opinião, mas não ha no fundo nenhuma desilusão, pois em geral a multidão não esperava o resultado desde o primeiro escrutinio. No entanto o povo conserva-se na Praça. Não espera nada: olha unicamente para o aeroplano que evoluciona por cima da Capela Sixtina, onde acaab de cinematografar o primeiro fumo. Em seguida ao segundo escrutinio negativo, o «speaker» anunciou que a nova emissão é ás 16 e 15 gmt. O resultado do terceiro escrutinio será conhecido cêrca das 16 e 30.—(Havas)

ardial Pacelli

CANO, 2.—A's 18 e 2 loggia" e pouco depois leito o Cardial Pacelli, lo cargo de secretario

me de Pio XII.—(United

dais tomaram as suas refeições conclave

O Papa está eleito

CIDADE DO VATICANO, 2—O Papa foi eleito ás 16 e 29.—(Havas).

N. da R.—*Como fôra anunciado, o nome do cardial eleito pontifice não étornado conhecido imediatamente. Só vinte minutos depois da eleição, após a «sfumata» branca, será pronunciado á varanda de S. Pedro o nome do novo pontifice.*

Monsenhor Ciriaci, nuncio apostólico, que fôra hoje ao Estoril, logo que teve conhecimento de que fôra eleito o novo Papa, veio para o palacio da Nunciatura, onde começou imediatamente a receber telefonemas e cartões de cumprimentos pelo importante acontecimento.

PROPRIEDADE

COMPRA-SE

Pretende-se adquirir uma propriedade rustica, proximo de Lisboa, com grande extensão de terrenos e agua em abundancia, susceptivel de ser totalmente cultivada, ainda mesmo que grande parte do terreno necessite trabalhos de arroteio. Carta com todas as indicações necessarias, incluindo localisação e preço aproximado, a este jornal, ao n.º 68.

A DEFÊSA DOS PESCADORES

Impõe-se a construção imediata

do porto de abrigo da Nazaré

A necessidade inadiavel da construção do porto de abrigo na Nazaré está positivamente na ordem do dia. Os bravos pescadores daquela terra que vieram a Lisboa tomar parte na manifestação a Salazar partiram cheios de simpatias e cheios de fé. Uma deputação foi anteontem á noite a casa do sr. Presidente do Conselho oferecer-lhe um ramo de flores. O Chefe do Governo recebeu os representantes da Nazaré e, ao vê-los, teve esta frase:

—Então o nosso porto de abrigo?

Todos pensaram então e alguns até o disseram:

—Teve uma confiança ilimitada em v. ex.ª. A nossa pretensão é justa. Concluimos, portanto, que v. ex.ª no-la satisfará.

Ontem, os pescadores e as pessoas que os acompanham, foram recebidos pelo sr. ministro das Obras Publicas, a quem apresentaram uma exposição que o sr. engenheiro Duarte Pacheco prometeu mandar submeter a estudo, sem demora.

A grande batalha pró-porto de abrigo da Nazaré deve estar, pois, na sua fase final, na fase do triunfo. E pode, a-final, pregumtar-se: —Que argumentam os homens da Nazaré para se baterem assim pelo seu porto de abrigo?

Argumentam com numeros convincentes, ou melhor, argumentam com a razão.

Com os seus 10.000 habitantes a Nazaré e seus arredores ficam bloqueados logo que a mais leve oscilação de ventos agita o mar e torna impraticavel a saida. Peniche é inacessivel; S. Martinha é pior do que a Nazaré. Em muitos dias não se vai pescar porque os pescadores não podem atravessar a zona de rebentação das ondas, se bem que, mais ao mar, a pesca seja praticavel. Na Nazaré ocupam-se na pesca e trabalhos correlativos nada menos de 6.000 pessoas e ha a considerar o aumento da população piscatoria que era de 533 homens, em 1896, de 1.136 em 1900 e de 4.123 em 1931.

De 1931 para cá, todavia, começou a emigração provocada pelas más condições de trabalho e houve mesmo muitos pescadores que passaram para Peniche e Matozinhos, deixando, porém, a familia na Nazaré.

A falta do porto de abrigo traz consequencias como esta: durante o ano de 1938, por exemplo, os pescadores puderam ir ao mar 177 dias e ficaram na praia, de braços cruzados, durante 188. Se o porto de abrigo existisse, os pescadores teriam trabalho durante muito maior numero de dias, pois a principal dificuldade é, na maior parte das vezes, passar a zona da rebentação. E' esse problema, precisamente, que o porto de abrigo vem resolver.

O valor do peixe, na estatistica de 1934, é de pouco mais de 3.600.000$00 e, actualmente, deve andar tambem á roda desta cifra. Se nos lembrarmos de que 50 por cento é absorvido pelas despesas de material e deduções legais, ficam 1.800.000$00 os quais, divididos por 2.800 pescadores (tal é actualmente a população piscatoria da Nazaré) dão 642$85 por ano, ou seja um salario de 1$77! Este numero impressionante não aparece agora em publico pela primeira vez. Já foi anunciado na Assembleia Nacional.

A importancia do porto de abrigo é tão grande que, para a avaliar plenamente, bastará dizer que, de quando em quando, a população piscatiria da simpatica terra está imobilizada pela rebentação e, mais ao largo, andam tranquilamente na faina pescadores de Peniche... E é a Nazaré o 4.º centro de pesca do país!

Outros numeros curiosos, porque neste caso da Nazaré os numeros dizem tudo: Pescando nas mesmas aguas em que Peniche pesca e dispondo de mais 800 pescadores inscritos; o rendimento da Nazaré é muito menor. Assim, enquanto a Nazaré pescou em 1934 nada menos de 3.633.924$00 e em 1930 5.773.470$00, Peniche pescou, respectivamente, nas mesmas epocas do ano, 12.031.227$00 e 12.635.101$00. Pois além disso, a Nazaré tem ainda mais 259 barcos têm de ser puxados para terra, que a Nazaré tem condições de superioridade.

Outro inconveniente que vem da falta do porto de abrigo: logo que o tempo piora, mesmo que seja levemente, os barcos tem que ser puxados para terra o que ocasiona uma despesa anual de cerca de 262.735$00, além de reduzir, aproximadamente, em 50 por cento o tempo de duração das embarcações.

E' inegavel que ha miseria na Nazaré, mas só existem razões para crer que as dificeis circunstancias de momento vão desaparecer.

A estatistica de obitos sem razões epidemicas fornece indicações como estas: crianças falecidas até aos dois anos de idade, 96, nado-mortos, 12, falecimentos de pessoas até aos 35 anos, 126 e com mais de 35 anos, 68.

Durante o ano de 1938 houve na Nazaré 311 nascimentos e 206 obitos.

Ora é necessario que tudo isto se modifique. E isto vai modificar-se. Os homens da Nazaré, a cujo esforço e a cujo sacrificio a economia nacional muito deve, partem esperançados em que a sua hora vai chegar. Oxalá que assim seja.

ASSEMBLEIA NACIONAL

A sessão desta tarde

A sessão desta tarde da Assembleia Nacional começou ás 15 e 25, com a presença de 72 deputados.

O sr. dr. Vasco Borges referiu-se á guerra de Espanha para dizer que parece estar proximo o seu termo e como nessa altura a Assembleia não se encontraria a funcionar, antecipava as palavras que nesse momento contava pronunciar. O orador salientou o esforço e a bravura dos portugueses que combatem pela causa nacionalista em Espanha, na pessoa de dois «viriatos», o capitão Lopes Praça e o marquês de Penafiel.

* * *

Depois o sr. dr. Alberto Cruz, escutado com grande interesse, pronunciou as seguintes palavras:

—Ha pouco tempo ainda, o sr. dr. Carneiro Pacheco, ilustre ministro da Educação Nacional, enviou á Assembleia Nacional, para ser discutido, um nobilissimo diploma que diz respeito á criação do Instituto Nacional de Educação Fisica. Pena foi que essa proposta de lei, de tão largo alcance, não tivesse vindo a tempo de ser apreciada devidamente neste primeiro periodo da 2. legislatura. Nunca é demais tudo o que se faça pela Mocidade, todo o dinheiro é bem gasto, desde que contribua para o fortalecimento da raça, para tornar fortes as gerações vindouras. Quando vemos, com orgulho, desfilar pelas ruas das nossas cidades as garbosas formações da nossa Mocidade, que necessitam do maior carinho do Estado, visionamos já o que elas serão, quando se fizer tudo o que fôr possivel, para tornar essa Mocidade forte e sã de espirito e corpo.

Só louvores merece o ilustre ministro da Educação Nacional pela bem elaborada proposta de lei enviada a esta Assembleia e que, infelizmente, não pode ser discutida neste periodo legislativo.

«Mas julgo interpretar o sentir de todos os deputados, pedindo ao Governo a sua promulgação imediata, tão justa, tão importante é a doutrina que a enforma.

* * *

O engenheiro sr. Cancela de Abreu sugeriu ao Governo a necessidade de se facilitar a deslocação dos portugueses do Brasil á sua terra por alturas de 1940. Enunciou, em seu entender, as medidas que deviam ser tomadas com esse objectivo, e referiu-se em seguida ao patriotismo dos que mourejam longe da patria.

O sr. engenheiro Cancela de Abreu lamentou em seguida só tão tardiamente ter chegado á Assembleia Nacional o parecer da Camara Corporativa sobre a lei que reorganiza os serviços da Camara Municipal de Lisboa, encontrando-se agora a Assembleia perante um facto consumado, a-pesar dela ter demonstrado o desejo, ao rejeitar a ratificação pura e simples do referido decreto, de voltar a discuti-lo.

AERONAUTICA

A aviação civil portuguesa vai ter novo impulso

A «Escola Salazar» procura interessar uma grande maioria de portugueses na aviação civil. Para isso tem estudado a forma de facilitar a obtenção do «brevet» a preços ao alcance das bolsas mais modestas. Em França organizou-se a «Aviação Popular», com preços acessiveis. E' nestes moldes que a «Escola Salazar» resolveu não só estabelecer preços mais vantajosos, mas tambem facilidades de pagamento. A par disto, acaba de aumentar a sua frota aerea com mais duas unidades, perfazendo um total de quatro aparelhos. Possuia já dois aviões «Taylorcraft», de 40 HP, dupla inflamação, lugares lado a lado, o que facilita bastante o ensino e aprendizagem. Adquiriu agora um «Aeronca» de 40 HP, tambem de dupla inflamação e lugares lado a lado, que já se encontrava em Portugal e que se destinava a uma Escola que não foi autorizada a funcionar. Já mandou adquirir, esperando a sua chegada no dia 15 do corrente, um outro «Taylorcraft», este de 50 HP, equipado com motor «Lycoming», de dupla inflamação e lugares lado a lado. A-pesar de ter apenas 50 HP, este avião consegue bater em velocidade, os aviões de treino e escola, do Exercito, «Tiger Moth», pois a sua velocidade de cruzeiro é de 150 quilometros por hora. Pode pois considerar-se um avião de transformação. Merece os maiores louvores a direcção da «Escola Salazar» pelo desenvolvimento que continua a dar á aviação civil, conquistando em pouco tempo de trabalho, o primeiro lugar entre as organizações, do genero no País, sendo a unica Escola que funciona em Alverca com motores de dupla inflamação, conforme o estipulado na Convenção Internacional Aerea. Desde a sua inauguração, em 3 de junho de 1938, até agora, já brevetou 26 pilotos, tem 3 largados e 18 em duplo comando. De futuro as provas dos alunos serão efectuadas no novo avião de 50 HP.

Escola civil de Pilotagem do engenheiro Bramão

Continua aberta na Escola Civil de Pilotagem dirigida pelo sr. engenheiro Manuel Bramão, a quem a aviação civil deve um forte impulso, a inscrição para os cursos feminino e masculino que funcionam naquela Escola.

Um acôrdo sobre o preço do carburante

LONDRES, 2—Os representantes de mais de 40 nações assinaram um acôrdo para diminuir o preço do carburante destinado á aviação civil.—(Havas)

DE LUTO

João Antonio Bastos

Faleceu o sr. João Antonio Bastos, de 75 anos de idade, viuvo, engenheiro maquinista reformado da Armada, natural de Lisboa.

Era irmão da sr.ª D. Maria Amalia Bastos da Luz e do sr. Ricardo Antonio Bastos, oficial reformado da Armada, e tio do sr. dr. João Valerio Bastos da Luz.

O funeral, a cargo da Agencia Barata, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da casa mortuaria especial do hospital de S. José, para jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

Henrique da Silva Cardita

Por noticias chegadas a Lisboa, sabe-se que faleceu em Bremen o sr. dr. Henrique da Silva Cardita, que fôra recentemente nomeado consul de Portugal naquela cidade.

O extinto era formado pela Faculdade de Letras de Lisboa e começara a sua carreira diplomatica em 1915. Desempenhou, durante muito tempo, as funções de consul em Ciudad Rodrigo.

Antes de seguir a ocupar as funções do seu ultimo cargo, prestava serviço na secretaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

D. Maria Pureza Santélices de Sande e Castro

Realizou-se esta tarde, com grande concorrencia, da sua residencia, na rua da Estrela, 29, 2.º, para o cemiterio do Alto de S. João, o funeral da sr.ª D. Maria Pureza Santélices de Sande e Castro, mãi do nosso estimado colega de «O Seculo» sr. Fernando Pais de Sande e Castro, a quem, bem como a toda a familia enlutada, apresentamos sentidos pesames.

O festival desta noite

a favor das oficinas de S. José

O teatro da Trindade deve registar hoje uma grande enchente, não só pela qualidade do programa musical que ali se executa, como pelos fins beneficentes a que se destina.

Trata-se do festival de arte levado a efeito pela distinta pianista sr.ª D. Nina Marques Pereira a favor das oficinas de S. José no qual tomam parte alguns dos nomes mais consagrados do meio musical.

OS TRABALHOS PARLAMENTARES

Terminou hoje o 1.º periodo

da 2.ª sessão legislativa

da Assembleia Nacional

A sessão desta manhã da Assembleia Nacional começou ás 11 horas, com 78 deputados presentes. O presidente da Assembleia, professor José Alberto dos Reis informou encontrarem-se na mesa varios decretos para ratificação.

* * *

Antes da ordem do dia foram tratados varios assuntos.

O sr. dr. Boto de Carvalho referiu-se ao problema do trabalho nacional em relação aos estrangeiros, e especialmente á situação em que se encontram os artistas portugueses, declarando parecer-lhe incompreensivel que qualquer obra de arte de intenção nacionalista fôsse interpretada por estrangeiros. Pondo a questão apenas no aspecto genérico, o sr. dr. Boto de Carvalho chamou a atenção do governo para o assunto, e lembrou a necessidade duma regulamentação rápida da lei que proíbe a entrada de menores nos espectaculos discutida e votada na Assembleia.

* * *

O sr. dr. Luiz de Pina depois de ter apontado os beneficios do Instituto Nacional do Trabalho, e ter lembrado o final da proposta que em 16 de fevereiro passado foi aprovada pela Assembleia, moção apresentada pelo dr. H. Varzim (isto é, o desejo de que se melhore os serviços da Organica Sindical do Trabalho); entende que há nos serviços respectivos uma falta: a de secção especial que estude o trabalho no ponto de vista bio-psicologico, isto é, fazer a organização cientifica do trabalho e do trabalhador.

Há muito que fazer nesse campo, desde as condições higienicas em que o labor se execute, ao instrumental do trabalho, á alimentação, ao sexo e á idade, á fadiga, ao esforço na industria, á cultura profissional, cursos especiais, viagens de estudo, etc., etc.

E' um problema fundamentalmente medio ou, melhor, biológico.

Lembra o orador o que se faz na Alemanha e na Italia. Nesta, a *Scienza del Lavoro* estuda-se em Instituto especial, de actividade brilhante. Aponta os trabalhos do professor Gemelli (Universidade del Sacro Cuore, de Milão), Vidoni, Cimatti, Ferrari, etc. sobre orientação cientifica do Trabalho.

Enfim, o sr. dr. Luiz de Pina sugere a criação de secção especial no Instituto Nacional de Trabalho para que esse organismo fique completo. Mais disse o orador que o problema a-pesar-da sua importancia, não começou ainda a ser estudado, seguindo aquelas normas, no nosso país.

Como é tempo de faze-lo, pede ao sr. Presidente da Assembleia que tome na devida conta as palavras que proferiu.

* * *

O sr. engenheiro Belfort Cerqueira disse que o seu projecto de lei acêrca da electrificação rural, a-pesar-de já ter parecer da Camara Corporativa, não podia ser discutido na actual sessão legislativa por ela estar a findar.

Posto isso, e por se tratar dum assunto importante—como a própria Camara Corporativa reconheceu—cumpria-lhe fazer um esclarecimento acêrca duma conclusão do parecer: a de que a electrificação rural se devia integrar no plano de electrificação geral do país.

A seguir, o sr. engenheiro Belfort Cerqueira defendeu o ponto de vista contrario, isto é, que o problema da electrificação rural exigia solução particular e independente, por motivos que sucintamente expôs.

Em certa altura, o orador foi interrompido pelo sr. dr. Antunes Guimarães, por largo tempo, e ainda pelo sr. engenheiro Botelho Neves. E o orador declarou terminar as suas considerações, por desejar apenas servir o interesse nacional, e o seu esclarecimento tendia a despertar a atenção dos deputados para o referido projecto.

* * *

Abordada depois a questão do encerramento da actual sessão legislativa, o professor José Alberto dos Reis referiu-se ao assunto nos seguintes termos:

O sr. ministro do Comercio comunicou-me que tinha o maior empenho em que fôsse realizado o aviso previo sobre os vinhos da região do Dão, e significou-me que seria para e'e uma viva contrariedade se esse «aviso» não fôsse discutido.

Respondi que tudo dependia do encerramento dos trabalhos da Assembleia Nacional. Se terminássemos hoje não podia ser discutido o assunto. Em caso contrario, o referido aviso prévio seria inscrito amanhã na ordem do dia.

Não ha, pois, qualquer relação de causalidade entre o encerramento da Assembleia e a realização da discussão do aviso. Eu tinha assentado terminar os trabalhos no dia 4 de março, porque partia de pressuposto que as três meses de sessão legislativa se contavam de data a data, e nesse caso o termo dos trabalho viria a cair no domingo, 5 de março.

Mas o sr. secretario da Assembleia Nacional submeteu á minha apreciação os embaraços de ordem administrativa que resultavam desta decisão, e que eram legitimas as duvidas acêrca da data de encerramento.

Está disposto que a sessão legislativa comece em 25 de novembro e tenha a duração de três meses. Como se conta esse tempo?

Segundo as regras gerais do direito ha duas maneiras de o fazer: 1.º de data a data; 2.º contando em cada mês 30 dias. Pelo primeiro processo, esta Assembleia terminaria os seus trabalhos em 25 de fevereiro; pelo segundo, em 5 de março. Ora, verificou-se que uma das sessões legislativas teve a duração de 90 dias, e as outras parece terem levado 91 dias

A questão nunca foi posta, examinada ou discutida. A lei está redigida de maneira a inculcar que a sessão legislativa seja de 90 dias. Desde que a questão foi levantada tem de ser decidida. Mas se se encerrar hoje os trabalhos fica esclarecido que nenhuma relação existe entre o termo dos trabalhos e a discussão do aviso prévio. Convencido estou de que a sessão legislativa deve terminar hoje.

Terminadas as considerações do professor José Alberto dos Reis foi o assunto submetido á votação da Assembleia. E foi resolvido que o primeiro periodo da 2.ª sessão legislativa terminasse hoje, tendo votado contra apenas os deputados Antunes Guimarães e Sá Carneiro.

O discurso que ontem publicámos. acêrca do reconhecimento do governo de Franco pela Inglaterra e pela França e da confirmação que tal facto deu á boa orientação da nossa politica externa, foi pronunciado pelo sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho, cujo nome, por lapso tipográfico, saiu incompleto.

O naufragio do "Amizade II,,

O comandante da Policia Maritima, sr. capitão de fragata Queimado de Sousa ouviu hoje o sr. Samuel Marques Damas, capitão do lugre «Amizade II» que ontem naufragou perto de Carcavelos.

A restante tripulação foi tambem hoje ouvida.

O respectivo processo vai ser enviado ao Tribunal dos Desastres no Trabalho, por ter havido um morto: o cozinheiro José Pinto de Oliveira.

O lugre continua a ser despedaçado pelas vagas, e o corpo do cozinheiro ainda não apareceu.

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

LICEU PEDRO NUNES

Amanhã, ás 16 horas, o sr. Warnier fará mais uma lição de cultura francesa no Liceu Pedro Nunes, sôbre o tema «La prose nouvelle — Ch. Nodier, Mérimée, Flaubert».

COMARCA DE LISBOA

Tribunal Judicial da 7.ª Vara

Pelo processo requerido por José Maria Rodrigues, morador na Av. Marquês de Tomar, 91, 6.º, D., para lhe ser concedido o beneficio da Assistencia Judiciaria, por ser pobre, a fim de intentar acção de divorcio contra sua mulher Luiza da Conceição, cujo ultimo domicilio conhecido foi na Estrada de Benfica, 43, rc., e actualmente está ausente em parte incerta, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª publicação deste anuncio em qualquer jornal, intimando a requerida para, no praso de cinco dias, findo o dos éditos, contestar, querendo o pedido. — Lisboa, 22 de Outubro de 1938. O Presidente da Comissão, *Calado*. Pelo Chefe da 4.ª Secção, *Antonio Costa Seguro Serra*.

Lugre Motor «AMIZADE II.º»

VENDA DE SALVADOS

A Companhia de Seguros "ULTRAMARINA", Rua da Prata, 108-1.º, Lisboa — Telefones 23348 e 25743 — recebe até ás 16 horas de 6 de Março corrente, propostas para a venda de Salvados — vistos e não vistos e como se encontram — do Lugre "AMIZADE II.º", naufragado em 1 d. c. na praia de Carcavelos.

Espectaculos

(Continuação da 3.ª pagina)

rada no Avenida, passará para o Trindade, onde interpretará o resto do seu novo repertorio.

— A companhia espanhola de Maria Guerreiro-Diaz de Mendonza, regressada da America do Sul, está agora a trabalhar em Sevilha,

— A actriz Auzenda de Oliveira realiza este mês, num dos nossos teatros, a sua festa artistica com a reposição duma das melhores operetas vienenses, do seu antigo repertorio.

— O actor Luiz Filipe realiza amanhã, ás 22 e 30 em Radio-Renascença, um recital de poesias de Antonio Sardinha.

«Campeão á Força», no Odeon e Palacio

Estreou-se ontem, naqueles dois cinemas a interessante comedia «Campeão á Força», na qual o popular Fernandel, com o seu tipo inconfundivel, desempenha um papel cheio de espirito e graça, mantendo constantemente a plateia em hilariedade. Fernandel e Armand Bernard desempenham os principais papeis secundados pelas graciosas Madeleine Sologne e Monique Rollard e por Léon Belieres, Brochard, Aimas, Germaine Charley, etc.

O «Campeão á Força» é uma pelicula recheada de espirito, com fundos gilvazes caricaturais que gira á volta de dois construtores de automoveis rivais, e termina com uma apaixonante prova desportiva de carros.

Merece tambem referencia especial o jornal «Fox» que encerra uma reportagem fotografica do desembarque do sr. Cardial Patriarca, no aerodromo de Roma.

Hoje e sempre no Coliseu, o fantastico e misterioso Kassner

Nunca se chega a saber que destino têm as pessoas, as coisas e os animais, nas mãos desse diabolico Kassner que está intrigando toda a gente no Coliseu. Até um elefante desaparece do palco, sumindo-se como fumo á vista do publico! E' um espectaculo variado, de encanto e de alegria, e em que tambem se exibe o grande transformista Schaeffer e varios numeros novos de sucesso. Sabado: «matinée». Domingo: «matinée», e duas sessões á noite.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL — A's 21 30 — «A Nodoa Negra».
AVENIDA — A's 21 e 30 — «Os Anjinhos».
VARIEDADES—A's 20 e 45 e ás 23—«Eh, real!».
COLISEU — A's 21 e 45 — O ilusionista Kassner e o transformista Schaeffer.

CINEMAS

S. LUIZ — A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
REX—A's 21 e 15.
PALACIO—A's 21 e 30.
ROYAL—A's 21.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras.
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.

Duas fragatas afundadas

na doca do Jardim do Tabaco

Houve hoje outro sinistro no Tejo, este, felizmente, sem perdas humanas. Cêrca das 13 horas desencadeou-se um forte vendaval, no rio, motivo por que as pequenas embarcações, que o puderam fazer, foram abrigar-se nos cais da margem direita. Entre outras, a fragata «B.-99», de que era dono e arrais João José da Silva, carregada com cevada, e a «L-1289», que pertencia a João Belem, e tinha como mestre Antonio Diogo Macedo, que transportava folha de Flandres.

As duas fragatas seguiram para a doca do Jardim do Tabaco. A primeira a-pesar-de ir já com agua, conseguiu entrar ali mas afundou-se a meio, e a segunda, á entrada da doca. As tripulações salvaram-se nos botes que costumam trazer á ré.

Auto-Mecanica de Portugal

A direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros vai hoje, pelas 21 e 30, á sede da Auto-Mecanica de Portugal a-fim-de agradecer aos seus dirigentes a colaboração que da melhor boa vontade lhe prestaram por ocasião da manifestação dos trabalhadores ao sr. Presidente do Conselho. Durante a visita serão passados alguns filmes acêrca do material da Auto-Mecanica.

Funerais e Trasladações
A gencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

DEPOIS DO CAFE TOME V. Ex.ª A
Cana Imperial da Madeira

Uma explosão misteriosa
na capital britanica

LONDRES, 2. — Uma explosão que se produziu a noite passada danificou o aqueducto que passa por cima da North Circular Road, em Stone-Bridge Park, perto de Londres. Não houve vitimas. Ignoram-se as causas.—(Havas).

LONDRES, 2 — O atentado terrorista produziu-se ás 2,30 nas proximidades de Stone Bridge Park. Visava o aqueducto, um dos importantissimos trabalhos de arte da Gran Bretanha, o qual permite que o grande canal atravesse a North Circular Road. Deslocou alguns blócos de cimento que caíram na estrada, danificando perigosamente a armação metalica do aqueducto. No parapeito do aqueducto viam-se pintadas letras de quasi um metro de altura a palavra — "DIE„, que significa "morte„. — (Havas).

LONDRES, 2—Um boletineiro que se encontrava perto do aqueducto, nas proximidades de Stone-Bridge Park, onde se deu esta manhã uma explosão, declarou que instantes antes do incidente viu um automovel do qual se apearam 4 homens com uma caixa. As autoridades do «Scotland Yard» inclinam-se a crer que a explosão é obra dos membros do Exercito republicano irlandês.—(Havas).

A luta anti-semita

MONTEVIDEU, 2 — Foi autorisado o desembarque de 68 passageiros judeus chegados a bordo do «Conte Grande» e que seguirão para o Chile, onde serão admitidos mediante a caução de 200 dolares por pessoa. — (Havas).

A AGITAÇÃO NA PALESTINA
Um desmentido relativo á atitude dos Estados Unidos

WASHINGTON, 2—Hull, ministro dos Negocios Estrangeiros, desmentiu uma noticia de origem parisiense, segundo a qual Kennedy, embaixador dos Estados Unidos em Londres, teria declarado a lord Halifax, que a criação de um Estado arabe na Palestina e a restrição consideravel da imigração judaica para a Palestina excitaria sériamente a opinião publica dos Estados Unidos. —(D. N. B.).

Mussolini visitou
as obras do novo Estadio

ROMA, 2.—Mussolini visitou as obras do Estadio cujas tribunas poderão alojar mais de cem mil espectadores; em recinto apropriado poderão reunir-se mais de dez mil automoveis.

Mussolini antes de se retirar, ordenou que se pagasse no dia de ontem salario duplo aos trabalhadores, como lembrança da sua visita.—(United Press).

O incendio de Osaka
10 mortos e 38 desaparecidos

TOQUIO, 2 — Foi oficialmente comunicado que o incendio da fabrica de polvora de Hirakata fez 10 mortos e 38 desaparecidos, 32 feridos graves e 440 feridos ligeiros; incendiou completamente 800 casas e danificou 100. Houve que evacuar 8.000 habitantes. — (Havas).

A GUERRA SINO-JAPONESA
O custo da guerra

TOQUIO, 2. — O «Tokie Asahi Shimbun» comenta o orçamento militar suplementar publicado ontem e observa que, até agora, a expedição na China custou onze biliões novecentos e noventa milhões de yens, ou seja sete vezes mais do que custou a guerra russo-japonesa de 1905.—(D. N. B.).

A situação das concessões franco-inglesas de Tien-Tsin

LONDRES, 2. — O correspondente do «Times» em Changai telegrafa: «Os japoneses exercem crescente pressão contra as concessões franco-britanicas de Tien-Tsin e receia-se que queiram muito brevemente tentar tornar esta pressão decisiva. Além das barricadas e redes de arame farpado que levantaram, constroem uma estrada que contorna as concessões e construiram uma ponte por cima do rio. Podem assim isolar as concessões dum momento para outro e noticias fidedignas vindas do Norte indicam que foram já dadas ordens para a evacuação dos japoneses da zona das concessões. Os circulos estrangeiros receiam que rebente a crise antes de 10 de março, data em que as novas medidas monetarias entrarão em vigor.»—(Havas).

A imperatriz do Japão
deu á luz uma menina

TOQUIO, 2. — A imperatriz do Japão deu á luz uma criança do sexo feminino, ás 16 horas e 30. — (Havas).

Schmeling embarcou
de regresso á Alemanha

NOVA YORK, 2.—Max Schmeling embarcou, de regresso á Alemanha. Declarou que tenciona regressar aos Estados Unidos para travar alguns combates.—(United Press).

Outra conspiração na Romenia

BUCARESTE, 2—A Segurança geral descobriu uma nova conspiração contra o ministro do Interior. Tratar-se-ia duma nova tentativa da Guarda de Ferro.—(Havas)

BOLSA DE LISBOA
2 de março

VALORES	Precluado	Compra	Venda
Consolidado 5 3/4 T. 10.	935$00	931$00	935$00
Consolidado 4 °/o T. 10.	985$0	983$00	988$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	—	1.020$00	1.022$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.157$00	1.156$00	1.158$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.052$00	1.051$00	—
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10	960$00	—	—
Externas 1.ª série	1.648$00	1.648$00	1.650$00
Externas 1.ª carimbadas	—	—	—
Exterras 3.ª série	1.670$00	1.672$00	—
Externas 3.ª carimbadas	1.770$00	1.769$00	—
Cautelas da 3.ª serie s/j.	—	—	—
Acções			
Esp.S.ª e Com. Lx.ª port.	—	740$00	745$00
Lisboa e Açores port.	347$00	346$50	348$00
Ultramarino cp T. 10	23$00	22$50	23$40
Portugal port. T. 5	1.040$00	—	1.045$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	255$00	255$00	258$00
Nacional	—	700$00	730$00
Sagres	—	—	—
Aguas Lisboa port.	—	259$00	260$50
Aguas Lisboa 1934 T. p.	—	156$50	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	—	506$00	510$00
Cimentos Tejo	—	390$00	400$00
Cimentos Leiria T. p.	375$00	370$00	380$00
Credito Predial	—	—	—
Gás e Electricidade	269$50	269$00	269$50
Alto Alentejo 1.ª[2.ª em.	—	298$00	320$00
Alto Alentejo 3.ª[4.ª em.	—	—	310$00
Industria Aliança	106$00	105$00	108$00
Portugal e Colonias	91$50	91$30	92$00
Nacional Navegação T. p.	166$50	166$00	167$00
Colonial de Navegação	—	45$00	57$00
Portuguesa de Pesca	—	365$00	375$00
Ind. Farmaceutica	302$00	300$00	305$00
Portuguesa de Tabacos	389$00	388$50	389$50
Tabacos de Portugal	—	305$00	307$00
União Electrica Portug.	19.$00	—	—
Cassequel	239$00	238$50	239$50
Agricola das Neves	—	156$00	169$00
Agricultura Colonial	—	120$00	130$00
Açucar de Angola	394$50	391$00	395$00
Buzi 1.ª emissão T. p.	—	41$20	—
Ilha do Principe	175$00	172$00	175$00
Zambezia T. 25	16$20	16$20	16$10
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °/o	—	—	107$50
C. P. 6 °/o	184$00	183$50	185$00
C. P. 6 °/o Beira Baixa	185$00	184$5	185$50
Aguas Lisboa 4 1/2 cp.	—	—	85$00
Prediais 5 °/o 1935	84$50	84$30	84$70
Prediais 5 °/o 1937	—	84$70	—
Prediais 6 °/o 1932 1.ª	—	91$00	—
Prediais 6 °/o 1932 2.ª	90$80	90$70	91$00
Prediais 6 °/o 1934 1.ª 3.ª	—	91$00	—
Prediais 6 °/o 1934 4.ª[6.ª	90$50	90$50	91$00
C. N. d. Moagem 5 °/o T. p.	960$00	—	—
União Elect. Port. 5 °/o	—	105$00	106$00
União Elect. Port. 6 1/2 °/o	—	111$50	112$00
Buzi 5 1/2 °/o T. p.	—	114$00	115$00
Buzi 6 1/2 °/o T. p.	—	111$50	112$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 65

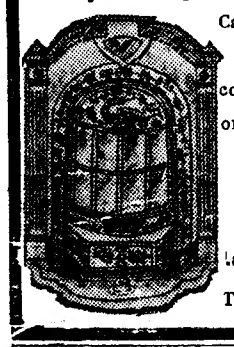
CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$15	110$19
New-York	23$49,4	23$50,6
Paris	$62,2	$62,2
Berlim	9$42,9	9$43,4
Amsterdam	12$48,0	12$48,7
Bruxelas	3$95,1	3$95,4
Roma	1$23,5	1$23,6
Zurich	5$33,8	5$34,0
Praga	$80,4	$80,4
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Burgos (Espanha)	—	—
Libra ouro	—	—

MARAVILHA

A ultima Maravilha em Limpa Metais
União Industrial de Graxas, L.da
Av. 24 de Julho, 16 Lisboa—Telef. 21348 | Rua Passos Manuel, 193 Porto—Telef. 6870

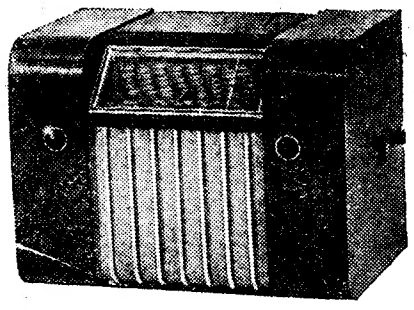
Salamandras e fogões de sala para aquecimento de:



Casas de habitação, escritorios, casas de campo, hospitais, etc. Podendo queimar combustiveis baratos. Lindos modelos - Boa ornamentação.
FABRICAS VULCANO e COLARES
Carlos Alfredo da Silva, Ld.ª
Largo Conde Barão, 13 a 17 — LISBOA
Telefones 60131—60132

V. Ex.ª NAO SABE? DÓMÚZ É O RÉI DO ANIZ

SCHAUB



APRESENTA
O seu novo MODELO 1939

Com a sua lindissima e luxuosa apresentação, extraordinario poder de captação em todos os comprimentos de onda, e excepcional qualidade musical de som, SCHAUB é bem o aparelho para os exigentes.
— Oiça e comprará SCHAUB — E' novo — E' diferente — E' melhor.

Em exposição

Representantes exclusivos:
OLAVO CRUZ, L.DA
AVENIDA DA LIBERDADE, 11-11-A—LISBOA

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

Dê graça ao seu sorriso com KOLYNOS

Para ter dentes brilhantes, reluzentes e gengivas sadias— uma bôca limpa e fresca como uma flor —use KOLYNOS.

Dentifricio eficaz, cientifico e económico.

PAPELARIA CARLOS
Lápis tecnico para desenho Castell, Koh-i-Noor, Lumograph e Wolff
Rua do Ouro, 36 — LISBOA

1.ª TIRAGEM

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O govêrno francês designou Pétain

para o cargo de embaixador em Burgos

PARIS, 2. — O Conselho de ministros reuniu-se esta manhã sob a presidencia de Lebrun. Por proposta de Daladier e de Bonnet, o Conselho designou o marechal Pétain para embaixador de França junto do governo espanhol.

Seguidamente, Bonnet fez uma exposição acêrca da situação externa.—(Havas).

PARIS, 2. — Quiñones de Leon levou a Bonnet o «placet» de Franco para a nomeação de Pétain como embaixador da França em Burgos.—(Havas).

Franco acolheu o nome de Pétain com grande interesse

PARIS, 2—O «agrément» do governo de Burgos á nomeação de Pétain como embaixador e que Quiñones de Leon entregou esta manhã a Bonnet, é concebido em termos, particularmente, calorosos para o marechal, com quem Franco teve ocasião de colaborar na guerra do Riff. Bonnet conta submeter esta tarde a Pétain os nomes dos diplomatas de carreira que formarão o pessoal da embaixada em Bruxelas será um dos principais colaboradores do marechal.—(Havas)

A escolha do marechal Pétain

PARIS, 2. — Sabe-se que Bonnet desejava como representante da França em Burgos um diplomata de carreira. Daladier prefere o marechal Pétain, devido ao prestigio militar de que este goza, podendo mais facilmente entender-se com o Chefe de Estado espanhol, tambem distinto general.

Noutros circulos, porém, lamenta-se a nomeação de Pétain, receando-se que a sua missão não tenha o êxito desejado, o que seria desprimoroso para o heroico defensor de Verdun, pouco habituado ás subtilezas da diplomacia.—(United Press).

Entrega dos documentos relativos ao reconhecimento pela França

HENDAIA, 2. — Rochat, sub-director dos serviços politicos e comerciais do ministerio dos Estrangeiros, encarregado da missão pelo governo francês junto do governo nacionalista espanhol, chegou a Hendaia ás 8 horas e 20. Deve entregar ao governo de Burgos os documentos diplomaticos relativos ao reconhecimento oficial «de jure» pela França do governo nacionalista.—(Havas).

Consulado em Tarbes

TARBES, 2. — Valeriano Cabezudo, que foi nomeado consul de Espanha nesta cidade pelo governo de Franco, tomou posse do edificio do consulado depois de ter visitado Dissard, prefeito dos Altos Pireneus. Foi imediatamente içada a bandeira nacionalista no consulado.—(Havas).

O reconhecimento pela Inglaterra

LONDRES, 2. — O duque de Alba, indigitado embaixador do governo de Burgos junto do governo de Londres, tem recebido inumeros telegramas de cumprimentos e felicitações pelo reconhecimento do governo de Burgos pela Inglaterra.—(United Press).

A representação reciproca anglo-espanhola

LONDRES, 2. — O governo nacionalista espanhol fez saber a Londres que aprovava a nomeação do «sir» Robert Hodgson como encarregado de negocios em Burgos. Pediu, além disso, ao governo britanico que désse o seu «agrement» á nomeação do duque de Alba como encarregado de negocios nacionalistas.—(Havas).

O reconhecimento de Franco pelos Estados Unidos

WASHINGTON, 2—Sabe-se nos meios politicos que o reconhecimento do governo nacionalista pelos Estados Unidos será submetido ao presidente Roosevelt, para ser confirmado, depois do regresso do presidente, anunciado para sabado. O reconhecimento será tornado publico dentro de uma semana, aproximadamente.

Em Washington diz-se que os Estados Unidos já liquidaram a representação diplomatica que mantinham em Perpinhão. Os meios politicos declaram ainda que os grandes capitais americanos colocados em Espanha tornam desejavel o proximo restabelecimento das relações normais entre os Estados Unidos e o governo nacionalista.—(D. N. B.).

Um artigo de Tardieu

PARIS, 2. — O «Gringoire» publica um artigo de André Tardieu relativo ás perspectivas dum entendimento franco-espanhol, depois do reconhecimento do governo nacionalista pela França. O autor do artigo—embora deplorando que tal decisão não fôsse tomada mais cedo — entende, contudo, que a historia e o caracter da Espanha dão probabilidades á França. A Espanha—diz Tardieu—chamou por vezes o estrangeiro para as suas lutas intestinas, mas libertou-se sempre dele. Além disso, a sua posição geografica necessita de equilibrio e possue, pois, a vantagem permanente de se entender com a França e a Inglaterra. Prestando, seguidamente, homenagem ao caracter de Franco, exprime a opinião de que é possivel chegar a um entendimento com aquele soldado, desde que se lhe fale numa liguagem que o seu patriotismo compreenda. Para um entendimento—diz—é preciso uma politica definida. Esta deve conjurar um perigo: o de que Burgos tenha tomado em Berlim e Roma compromissos e queira cumpri-los, pois o espanhol respeita a sua palavra. Este é o unico perigo que retem a atenção de Tardieu, que conclue assim o seu artigo: «a França jogará com a Espanha a sua partida de grande potencia ou não a jogará. E' uma questão de inteligencia e de vontade e não de habilidadezinhas».—(Havas).

Intercambio luso-espanhol

BURGOS, 2—O vice-presidente do Estado e ministro dos Estrangeiros, conde de Jordana teve com o embaixador de Portugal, sr. dr. Teotónio Pereira, uma demorada conferencia, durante a qual foram tratados assuntos da maior importancia para os dois países no campo politico e no economico e para intensificar o intercambio comercial luso-espanhol.—(U. P.)

Declarações de Yagué

BERLIM, 2—«Se os «vermelhos» não se renderem muito brevemente, fa-los-emos em pedaços de maneira que não ouçam nem vejam mais». Estas palavras disse-as o general Yagué, comandante do corpo do exercito marroquino, ao enviado especial de «12 Uhr Blatt». «Os meus soldados prosseguiu Yagué—tanto os espanhois como os marroquinos, estão desejosos de os fazerem em pedaços e nada lhes poderá ser mais agradavel do que atacar imediatamente Madrid. Com semelhantes soldados—concluiu Yagué—pode conquistar-se um mundo».—(H.)

Noticias de Madrid e de Alicante

MADRID, 2. — A demissão de Azaña pôs termo a uma situação ambigua. Os republicanos pediam o regresso de Azaña á zona do centro, esperando a recomposição do gabinete com mais forte representação dos partidos. Os socialistas da U. G. T. mostravam-se preocupados com a legalidade e desejavam o regresso do Chefe do Estado. A situação encontra-se agora subordinada ao regresso de Martinez Barrio a Espanha. Com respeito á opinião dos madrilenos a demissão era esperada e toda a gente espera calmamente a solução do problema constitucional.

A designação de Martinez Barrio terá como consequencia a convocação das Côrtes no prazo de 8 dias para a eleição presidencial. A eleição deverá realizar-se no prazo de um mês a partir da convocação.—(Havas).

O MOMENTO INTERNACIONAL

Goering parte amanhã para a Italia

e deverá visitar tambem a Libia

BERLIM, 2—Goering partirá amanhã de Berlim, acompanhado de sua esposa, para San Remo, onde fará uma larga cura de repouso. E' provavel que no fim da sua estada em Italia se encontre com as personalidades dirigentes italianas.—(Havas)

O interêsse do Reich pela Libia

PARIS, 2. — Com respeito aos envios de fôrças italianas para a Libia, o correspondente particular do «Figaro» em Londres escreve: «Chegaram noticias bastante inquietadoras a White Hall, nomeadamente sôbre movimentos de tropas alemãs para a Libia, assim como sôbre as remessas de material e uniformes coloniais. Por outro lado, é exacta a noticia chegada a Londres de origem italiana, segundo a qual Goering, por ocasião da sua visita a Italia, irá a Libia. Isto não deixa de mostrar o interêsse que a Alemanha presta á questão.—(Havas).

Italianos que regressam da Corsega ao seu país

ROMA, 2. — A Agencia Stefani, ao anunciar a chegada a Livorno de 800 italianos vindos da Corsega, sublinha **que se trataria de italianos «obrigados a regressar á Patria em consequencia de perseguições francesas».** Acrescenta que aqueles individuos referiram, depois do seu desembarque, «episodios revoltantes movidos pelo odio francês contra eles». Convém observar, a este respeito, que os jornais italianos anunciaram recentemente o proximo regresso a Italia de numerosos italianos que vivem no estrangeiro, em consequencia de medidas tomadas pelas autoridades fascistas.—(Havas).

O esfôrço da Grã-Bretanha para melhorar o seu Exercito

LONDRES, 2. — O «Times» escreve em editorial com respeito ao orçamento das despesas do exercito de terra publicado ontem, no valôr de cêrca de 2 biliões de francos: **«Este ano, e pela primeira vez de ha uma geração para cá, vamos despender mais com o exercito de terra do que com a marinha.** Este facto e a importancia da verba constituem resposta áqueles que pedem o serviço militar obrigatorio e a criação dum grande exercito susceptivel de ser enviado para o continente. Só um decimo da verba total prevista para o exercito de terra é absorvida por saldos e emprestimos. 9 decimos vão, pois, para as despesas com material. Por outro lado, o exame do orçamento das despesas deveria bastar para dissipar os preconceitos comummente espalhados na Grã-Bretanha e no estrangeiro sôbre a fraca importancia das nossas fôrças terrestres. Tal exame prova, com efeito, que temos 600.000 treinados servindo tanto no exercito regular como nos corpos auxiliares. Isto sem contar com os efectivos coloniais indianos nem com certos corpos indigenas. Além destas tropas, actualmente arregimentadas, temos os homens mais treinados que deixaram, recentemente, o exercito territorial para passar á reserva. Ha, finalmente, que acrescentar aqueles homens que serviram na ultima guerra e estão ainda em condições de retomar o serviço. Para um pais que possue a marinha de guerra mais poderosa do mundo e uma aviação militar que se conta entre as mais poderosas, «não pode passar por mediocre o esfôrço feito para o exercito de terra. Constitue uma séria garantia contra toda a agressão».—(Havas).

O movimento de oposição do germanismo

NOVA YORK, 2—O governador do Estado de Nova York ameaçou proíbir os jornais oficiais do German-American Bund «Deutscher Weckbur Beobachter» e «Free America», visto não mencionarem o nome dos seus directores, como o exige a lei.—(Havas).

KAUNAS, 2. — Pela primeira vez depois das eleições, os lituanos de Klaipeda reagiram protestando, em numerosas reuniões, contra as invasões dos nazis: foi entregue ao governador Bertuleit um memorando que declara a situação intoleravel e encara a criação duma frente lituana.—(H.)

Debate no Senado de Washington

WASHINGTON, 2. — Durante os debates no Senado sôbre o armamento americano, o senador Lucas atacou o senador Nye, que criticou os encorajamentos dados pelos Estados Unidos ás democracias e sublinhara que a politica da administração deixava a impressão de que os Estados Unidos apoiavam as democracias na sua atitude de firmeza contra as ditaduras. Lucas declarou que as palavras de Nye tendiam a criar um ambiente propicio a uma guerra e a dar a impressão á opinião publica americana que Roosevelt possue poder suficiente para dirigir a acção dos governos europeus e que a politica externa americana poderia ser responsavel por uma guerra europeia. Os senadores democratas felicitaram, calorosamente, Lucas, pela sua intervenção.—(Havas).

A Aeronautica militar dos Estados Unidos

WASHINGTON, 2. — O secretario de Estado da Guerra nomeou ontem o major general Arnold chefe de todas as formações de corpos de exercito aereo, pondo assim termo ás divisões que existem no comando desde 1935. O Departamento da Guerra declarou que fez esta **nomeação devido** á extensão da proxima fôrça aerea do exercito.—(Havas).

A viagem de conde Ciano

BERLIM, 2—O conde Ciano e sua esposa chegaram esta manhã a Lundenburg, na fronteira da antiga Austria, em comboio especial, que os levará a Roma. O conselheiro da legação, Mohr, cumprimentou-os em nome de Ribentrop.—(Havas)

«A Africa para os africanos»

LONDRES, 2. — De Bulawayo informar a Reuter:—«A conferencia—«A Africa para os africanos» continuou as suas deliberações. Os delegados aprovaram por unanimidade uma resolução que insta com o governo britanico para que se oponha a toda a cedencia de territorios sob mandato na Africa, em teritorio britanico ou doutras potencias, a nações nazis ou fascistas. A referida resolução vai ser enviada ao ministro das Colonias do governo de Londres.—(Havas).

O alargamento do Canal de Kiel

BERLIM, 2. — Hitler e Goering, como comissario do plano dos 4 anos, assinaram um decreto determinando as condições em que se efectuarão o alargamento do canal do Kaiser Wilhelm, que liga o Baltico ao Mar do Norte, e o melhoramento das vias navegaveis do Elba. O preambulo do decreto diz, entre outras cousas, "Estes projectos têm particular importancia politica e devem, por consequencia, ser favorecidos com a ultima energia».—(Havas).

Maxim's HOJE 5.ª feira
Grande Baile de Mascaras
Variedades — Orquestra Toselli
As senhoras teem entrada livre

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

A manifestação da tarde de segunda-feira passada constituiu um acontecimento de singular relevo na vida portuguesa de ha muitas dezenas de anos a esta parte.

Aquele relevo não resultou apenas do numero-multidão, embora fôsse esse aspecto o que mais impressionou.

A manifestação ao sr. Presidente do Conselho partiu de uma intenção politica para uma projecção de significado economico-social.

Organizada inteligentemente, e com liberdade de movimentos, foi coroada pelo êxito espectacular mais surpreendente; daí o relevo singular numerico.

O outro relevo, menos á superficie para os observadores sinceros mas desprevenidos quanto ao significado das grandes cousas, foi o de que todo o acto girou á roda da exaltação da ideia corporativa — e dessa exaltação não saiu.

Mas como o corporativismo é doutrina integrada no Estado Novo—se quiserem, o seu sistema fundamental—segue-se que a manifestação teve significado politico de apoio ao regime actual da Republica Portuguesa.

O facto é este.

Nós, jornalistas, habituados a tratar assuntos episodicos, subjectivos e, quantas vezes, meramente de amenidade, á falta de acontecimentos soberanos de interêsse, não nos podemos queixar de que falhasse nesta semana o «facto grande» que andamos sempre á procura.

Quanto a mim—modesto ainda que pertinaz rabiscador ha dezaseis anos desta Pagina destinada a oito fieis e pacientes leitores— não me sentiria bem, com o dever profissional e com a consciencia de cidadão, se não dissesse quanto se me oferece—e pouco é—a proposito dêste caso nacional.

Pode objectar-se que uma parte elevada ou reduzida da multidão dos espectadores foi atraída para o acontecimento pela grandeza numerica da manifestação e não foi ela em si propria. Pode supôr-se que umas centenas dos manifestantes fizeram corpo no cortejo com convicções arreigadas, levadas pelo espirito da disciplina ou por outros motivos que não importa especificar.

Assim será.

Mas foi sempre assim, sobretudo quanto á primeira objecção.

Seria inutil, a qualquer pessoa sincera e equilibrada em seus juizos criticos tentar diminuir a expressão do numero, que conta tanto nas democracias como nos Estados totalitarios.

Já disse que o numero-multidão impressionou, e assinalei que não foi esse, quanto a mim, o aspecto essencial do acto publico, ou não foi esse apenas.

O Chefe do Governo português viu-se aclamado por uma ou duas centenas de mil pessoas. Assisti a grandes manifestações desde que me entendo homem, isto é, do começo dêste seculo para cá. Algumas mais romanticas, mais plenas dêsse idealismo, que não cura saber do seu futuro, mais môças e mais espontaneas.

A nenhuma com esta grandeza. O sr. dr. Oliveira Salazar—que não mostra pessoalmente simpatias pela multidão reunida, pois sabe quanto ela pode ser falaz, e a si proprio se engana—foi aclamado como nunca um chefe de governo, mesmo um chefe de Estado. Para tal contribuiu muito a organização do acto, mas não se perde valôr, seja qual fôr o «mas»—mais leal que ele seja—ao testemunho do povo na passada segunda-feira.

* * *

A manifestação não foi preparada, certamente, para convencer ninguem. Mas para robustecer convicções, afirmar certezas, comprovar apoios, e estimular os dubios.

Mas se não foi feita para convencer ninguem, convenceu muita gente de que o Estado Novo dispõe de uma formidavel fôrça aparente e de uma indiscutivel fôrça de realidade. (Estas expressões julgo-as bem medidas).

Disse que o aspecto da manifestação não era politico; se o veio a ter ou podia vir a ter, era «por acrescimo».

Exaltava-se o sistema corporativo, base de um sistema social-economico, pela eliminação da luta «directa e confessada» de classes, pois luta haverá sempre enquanto os homens forem como Deus os fez.

Gremios e Sindicatos, quanto a mim ainda em periodo experimental, eram teoricamente a materia prima da manifestação.

Repito que foi este o relevo, ou um dos relevos—concedo sempre—primordial da consagração á obra de inspiração superior do sr. Presidente do Conselho.

Isto impressionou-me mais do que o numero; o numero, significativo aliás—é contingente. Escuso de insistir nêste ponto.

Está o país integrado no pensamento corporativo, está identificado na sua formula e certo dos seus resultados?

Eis a interrogação a que o acto deu parcial resposta.

E com efeito, que pretendiam os organizadores? Atrás o disse, e eles reconheceram a necessidade da prova: robustecer convicções, comprovar apoios, estimular os dubios. Ao cabo: tornar possivel todas as rectificações, que a mecanica defeituosa dos gremios exige e a lealdade para com uma doutrina impõe.

E melhor do que eu o estou formulando, o assinalou, por varias vezes, o sr. Presidente do Conselho.

O Corporativismo—o sistema da corporação com certas raizes na tradição portuguesa, mas não tão «a largo»—é uma doutrina. Não é uma politica. A politica é que pode assentar nessa doutrina. O corporativismo não é, por si, um sistema e muito menos um regime «politico».

E como doutrina tem os seus fieis e aqueles que o não podem ser, sequer aderentes, e isto — em reflexo — «não por politica mas por doutrina».

Esses não precisam de provas de multidão para crerem ou descrerem.

O sistema, porém, incerto, ensaiado apenas, aqui e ali vitima dos proprios erros de que acusa os sistemas opostos, esse é que precisou do concurso plebiscitario da multidão.

E é isto o que eu queria dizer.

E a multidão disse: «sim, é isto que queremos». Não disse: «e melhor».

* * *

Seja a qualquer cidadão, seja de que invicta ou sempre leal cidade ou aldeia fôr, consentida a espectativa, que é tão de respeitar como o é de condenar o ataque insolito e premeditado a doutrina ou a sua formula que não advenha do nosso crédo politico.

Nem no periodo que antecedeu e logo se seguiu a 1910 as grandes manifestações, generosas e vibrantes, da aclamação da Republica ideia ou realidade—eliminaram os monarquicos dêste país.

Nunca a exaltação formalista da concepção democratica eliminou do «forum» da inteligencia os individuos que por estructura, por educação, e até por retaliação, não puderam ou não quiseram entender a democracia.

O numero-multidão—dizem os anti-democraticos—não faz direito.

E aí está por que damos, no notavel acontecimento de ha três dias, muito mais importancia á intenção plesbicitaria, ao referendum popular, do acto, do que á quantidade dos que se pronunciaram, ainda que o numero tivesse— já o disse—expressão relativa.

Procurou-se saber, através de uma homenagem pessoal, a muitos titulos devida pelos manifestantes, se o sistema é de prosseguir, reforçar, aperfeiçoar, completar.

Dispõem os governos hoje de processos de seguir a sua obra sem precisarem de consultar as massas. Até porque só, condicionalmente, confiam nas massas.

Oliveira Salazar

Mas seja como fôr: a consulta, sem caracter expresso de voto, fez-se. O sr. dr. Oliveira Salazar recebeu a maior consagração da sua vida de homem de Estado, ainda que não estivesse presente um outro homem que áquela ideia muito se consagrou.

Eu não creio—e falo sempre como jornalista obrigado a conhecer um pouco as pessoas—; eu não creio na tal insensibilidade do antigo professor de Coimbra. Se essa insensibilidade não consegue ser desmentida pela citação de factos privados, muito simpaticos mas comuns a todos os mortais, a verdade é que não creio eu, nem crêem milhares de pessoas, que o sr. dr. Oliveira Salazar seja insensivel, até individualmente, a estas apoteoses.

Ele sentiu. Se fez alguma reserva mental ao acto (e nem nisso acredito lá muito) não deixou de se emocionar.

A multidão pesa, o clamor amachuca; o delirio de encorajamento emociona. O homem é um ser fragil.

O sr. Presidente do Conselho—a-pesar da sua pouca simpatia ou da sua ausencia de culto—inferior pela multidão—viveu umas quatro horas intensas.

E ao recolher ao seu gabinete, á noite, livre de colegas, secretarios, chefes, aulicos, comparsas—a orbita da sua existencia real de estadista—devia ter pensado... no seu pai. O honrado e modesto lavrador, filho do povo, sem dom de sangue ou de fortuna, afim de trabalhadores—que ainda pôde vê-lo entroncado na sua catedra universitaria e depois no espaldar da governação suprema do executivo.

* * *

O discurso do sr. dr. Oliveira Salazar foi fraco. Talvez como convinha.

De extraordinaria clareza nos primeiros periodos—dentro da formação do seu espirito, e em relação á sua propria concepção da vida nacional—(aqueles em que apontou como o julga, o predominio de certos conceitos sobre certas realidades) o orador, no final, ou logo dali para diante, não quis ser professor e foi simplesmente orador.

Contudo, se a primeira parte, iluminada verbalmente, daquele seu discurso impressionou pela maneira de dizer—e atrevo-me a julgar que não pela maneira de convencer —a oração do sr. Presidente do Conselho amoldou-se ao estado de alma da multidão, e integrou-se no plano geral do acto publico, com discreta nobreza e intencional ausencia de empolamento.

O homem a quem um dia foram buscar, arrastado, para ser o responsavel por um novo estado da cousa publica—ao contrario de Mussolini, de Hitler, de staline, de Vargas, de Franco—, e não andou á procura do capitolio como tantos aventureiros, sonhadores ou não; esse homem entendeu que na maior manifestação que lhe foi prestada não devia pronunciar o seu melhor discurso. Sente-se que quis assim.

Com efeito, quem tinha que falar alto era a multidão. E ela falou como pôde, como soube.

* * *

Reparo, ao chegar ao termo da conversa, que não estamos hoje só oito á mesa. Foi-se juntando gente. Talvez daquela que não está habituada a ouvir estes arrazoados, e que assim, e sem ser por mal, talvez me não entenda. E nos julgue, a nós em grupo, melhores do que sômos, ou piores do que julgamos ser.

E' este um dos percalços de escrever com o coração ao pé da boca.

NORBERTO DE ARAUJO

Tauromaquia

Simão da Veiga no Mexico

Tem continuado a obter enormes exitos no Mexico, onde já tem firmados contratos para todo o mês corrente, o grande cavaleiro Simão da Veiga (filho). Na ultima corrida, realizada em S. Luiz de Potosi, o nosso compatriota lidou admiravelmente dois toiros, cravando alguns dos seus inimitaveis pares de bandarilhas a duas mãos e sendo ovacionadissimo. No final do seu trabalho com a «jaca torera», Simão da Veiga foi obrigado a dar três voltas á praça.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 1. — Foi nomeado presidente substituto da Camara Municipal da Murtosa o sr. José Maria Tavares, que já em 1937 exerceu neste concelho as funções de administrador do concelho.

— Pela Direcção do Externato 29 de Outubro, estabelecimento de ensino particular deste concelho, começou a ser organizada a Mocidade Portuguesa.

— Anda bastante desenfreada neste concelho uma quadrilha de gatunos de bicicletas; já é a terceira que desaparece, e todas roubadas no mesmo local. Da primeira e segunda foi descoberto o seu autor, que está a contas com a justiça. As autoridades locais investigam.

«IX Semana da Tuberculose»

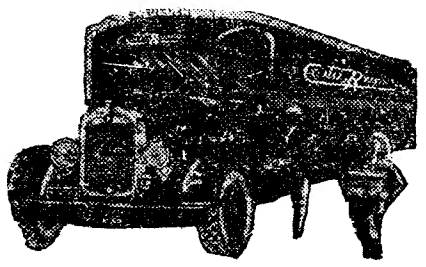
Sob a presidencia da sr.ª D. Laura Palha Infante de la Cerda, presidente da comissão de senhoras de caridade e de propaganda da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, reuniram-se ontem, em sessão preparatoria, na sede daquela prestimosa associação, algumas das senhoras que têm a seu cargo a realização em Lisboa das «Semanas da Tuberculose».

Ficou assente que a «IX Semana» se efectue nos dias 1 a 7 de maio proximo e que para tal fim seja dentro de breves dias convocada a reunião de todas as senhoras chefes de zona.

A grande comissão de Lisboa dirige um caloroso apêlo ás senhoras portuguesas para que em todo o país colaborem com a sua maior dedicação nesta grande obra nacional de protecção aos tuberculosos pobres.

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr.-Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268—Lisboa



TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.
PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062
LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27200

Vida desportiva

Num artigo profundo, revelador de grandes conhecimentos sôbre o assunto, duma cultura sólida, publicado na «Brotéria», de fevereiro, o sr. dr. B. Jorge Calado, que lemos sempre com especial atenção, insurge-se, inteligente e documentadamente, contra aquilo a que chama a «praga actual do exibicionismo desportivo na mulher». Demonstra que o desporte atletico não pode ser util á mulher, por não constituir um meio educativo e por outras razões que enuncia.

No regulamento da «Mocidade Portuguesa Feminina», organizada em 1936, já se defendia igual doutrina, dispondo-se a exclusão das competições ou exibições de indole atletica, os desportes prejudiciais á missão natural da mulher, e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino.

Concordamos inteiramente com este ponto de vista. E' aconselhavel para a mulher a pratica cientifica da educação fisica e de certos desportes que não lhe roubam a graça feminina, antes provocam o desenvolvimento harmonioso do seu corpo, facilitando a missão que a natureza lhe determina.

Mas é de combater toda a tendencia para a masculinização da mulher através de exercicios e competições desportivas proprias do homem. Ainda há pouco, num grande filme, vimos mulheres a correr, a saltar e a fazer lançamentos, que pareciam atletas masculinos. A virago não tem lugar numa sociedade perfeita, bem organizada á base da familia.

* * *

Deixaram de se fazer em Lisboa, como noutras Associações, os campeonatos infantis de «football» para rapazes até aos 15 anos. Esses jogos eram rodeados—bem entendido—das maiores precauções, estabelecendo-se medidas atinentes á defesa dos praticantes. A duração dos desafios era menor do que a normal, e a sua direcção confiada a arbitros experimentados, visando a educação dos novos elementos. Destes «teams» infantis sairam grandes jogadores, porventura os maiores jogadores portugueses.

A's competições infantis sucederam-se os campeonatos dos «juniors», (origem dum problema que ora se debate de interpretação dos regulamentos) aumentado um pouco o limite de idade. Competições desta especie, posto que inteligentemente reguladas, deviam ser mais frequentes. Trata-se dum optimo meio de chamar para o «sport» a mocidade, e estes torneios constituem tambem o melhor viveiro de jogadores. E o «football» português bem precisa de jogadores...

* * *

A actuação dos automobilistas portugueses Manuel Nunes dos Santos e Luiz Clington Lobo no «rallye» internacional de Monte Carlo foi seguida com verdadeiro interesse. A noticia da sua desistencia causou profunda desolação. Ao que parece, certo sector desportivo ficou com a impressão de que os portugueses abandonaram a prova, onde estavam a figurar briosamente, por desanimo e irritação ante qualquer dificuldade pouco importante.

Nada mais profundamente injusto. Nós contámos: antes de Ulm, o dinamo do carro deixou de carregar pela primeira vez. Concertada a avaria, em hora e meia, os portugueses entraram no contrôle de Strasburgo dentro do tempo marcado.

Mais tarde, nova avaria no dinamo, cujo conserto demorou duas horas e meia, originando o atrazo de uma hora e um quarto e uma grande penalização, em Dijon. Não desanimaram os conhecidos automobilistas, e lançaram-se vertiginosamente a caminho de Leon, tendo de fazer uma media de cem para entrar neste contrôle a tempo e horas. Antes de Macon o dinamo começou a dar novamente intermitencias. Era de noite. Fazia um nevoeiro intenso. Que fazer? Só uma solução—a desistencia.

Nunes dos Santos e Clington Lobo portaram-se como dois grandes atletas, merecedores de viva admiração. Indiferentes ao cansaço, sem dormirem noites e dias inteiros, conseguiram vencer todos os obstaculos que lhes surgiram até que perto de Leon lhes apareceu o obstaculo superior á sua vontade e ás suas forças. Foram dois dinamicos automobilistas que sucumbiram por causa dum dinamo...

T. S.

CAMPEONATOS DESPORTIVOS UNIVERSITARIOS

Falando dos Campeonatos Desportivos Universitarios, em preparação, ideia que aplaudimos, dissémos que se nos afigurava logico começar pelo principio, isto é, desenvolver a pratica desportiva nos estabelecimentos de ensino superior. Sem «sport» nas Universidades, não poderá haver Campeonatos Desportivos Universitarios. Recebemos acêrca do assunto a seguinte carta do Liceu de Camões, emanada da Direcção do Campeonato de «hockey» em patins:

«Lemos no passado dia 23 de fevereiro na vossa secção desportiva um pequeno artigo sugerindo a criação de campeonatos nas escolas como preparação de espirito desportivo para o já falado campeonato Universitario. Por isso decidimos escrever-lhe para lhe dizermos que o Liceu de Camões é dos liceus que mais tem contribuido para a formação de dito espirito desportivo.

Realiza-se todos os anos um campeonato de «football». A nossa «équipe» de «voley-ball» tem obtido brilhantes vitorias jogando com varios estabelecimentos de ensino. Realizou-se um campeonato de «tennis». Está-se disputando o campeonato de atletismo.

Está na forja o campeonato de «hockey» em patins para o que temos já 3 «équipes», esperando que todos os liceus ou escolas se inscrevam até á Pascoa».

Não nos tinhamos referido aos liceus, onde a actividade desportiva é incomparavelmente mais intensa do que nas escolas superiores, pela razão simples de que esses estabelecimentos não estavam em causa. E', porém, agradavel de assinalar o movimento desportivo—que já conhecíamos—no Liceu de Camões.

GIMNASTICA

1.ª Grande Semana

Nas varias demonstrações de metodos de gimnastica que estão incluídas nesta grandiosa festa de Educação Fisica, que o Gimnasio Clube Português levará a efeito na segunda quinzena de março proximo, deram já a sua adesão os seguintes estabelecimentos de ensino: Asilo da Freguesia de Santa Catarina, Escola Industrial de Marquês de Pombal, Gimnasio Club Português e Patronato da Infancia (Curso de *Os Sports*), num total de 13 classes.

JOGOS OLIMPICOS

Ao convite para participar nos Jogos Olimpicos, que o «Comité» Organizador dirigiu em 19 de outubro do ano passado a sessenta nações, já responderam afirmativamente até agora dezanove países: Grã-Bretanha, Dinamarca, Noruega, Italia, Romenia, Suiça, Yugoslavia, Belgica, Costa Rica, Suecia, Palestina, Grecia, «Portugal», Holanda, Liechtenstein, Luxemburgo, Checo-Eslovaquia, Alemanha e Indias inglesas.

* * *

Para facilitar o alojamento dos visitantes, os transatlanticos que fizerem cruzeiros especiais, ficarão alguns dias no porto de Helsinki, o que permitirá a todos os passageiros alojarem-se a bordo. Poderão estar em Helsinki 21 transatlanticos, e serão construidas sete pontes de desembarque para permitir o transporte rapido dos passageiros.

* * *

Desde outono ultimo que os agentes de policia da capital finlandesa estudam linguas estrangeiras. 320 agentes estão nos cursos de inglês e da alemão. Outros já falam correctamente o francês.

* * *

Todas as competições disputar-se-ão num espaço mais limitado do que nunca: O Estadio Olimpico, o Estadio de natação, a sala de «boxing» e de luta, o Estadio hipico, o velodromo, o campo de tiro, as baias de remo e de yatching e a «cidade olimpica» ficarão proximo uns dos outros, e apenas a alguns quilometros do centro de Helsinki.

As construções olimpicas estão adiantadas, e a venda dos bilhetes no estrangeiro já começou.

NATAÇÃO

Um professor austriaco no Algés e Dafundo

Emil Orustein, internacional de «water-polo» austriaco, grande guardarede, encontra-se em Portugal, desde que a Austria foi anexada á Alemanha.

Professor de natação no Sport Algés e Dafundo sabemos que a sua acção começa a notar-se, na preparação e no aperfeiçoamento dos varios nadadores, do clube.

LUTA GRECO-ROMANA

2.º Torneio Popular

Continua aberta até ao proximo dia 10 a inscrição para o 2.º Torneio Popular de luta greco-romana, no qual se podem inscrever todos aqueles atletas que pela primeira vez queiram praticar esta modalidade.

A avaliar pelas inscrições já feitas promete esta prova ser merecedora da atenção do publico amador desta modalidade desportiva.

Publicações

«Portugal Economico, Monumental e Artistico»

Prosseguindo na sua patriotica tarefa, a «Editorial Lusitana» lançou no mercado mais um fasciculo da sua interessantissima obra «Portugal Economico, Monumental e Artistico», dedicado aos concelhos trasmontanos de Vinhais e Vimioso.

Com esplendida colaboração fotográfica e literaria e uma modelar apresentação gráfica, que em nada desmerece dos anteriores, o novo fasciculo de «Portugal Economico, Monumental e Artistico» constitue mais um brilhante triunfo para a «Editorial Lusitana».

«O Jornal da Mocidade Portuguesa»

O numero de hoje de «O Jornal da M. P.» insere, além dum artgio sôbre o Congresso Nacional da «Mocidade Portuguesa», que se realizará em Lisboa, de 21 a 28 de maio, como preparação do Congresso Internacional da Mocidade de 1940, numerosa colaboração que interessa aos filiados daquela organização, secções valiosas e quatro esplendidas ocogravuras de aspectos de instrução no centro especializado de vela de Lisboa, bem como a reportagem completa das finais da disputa da taça «Mocidade Portuguesa», na sala de Armas do Ateneu Comercial de Lisboa.

AVISO

Caminhos de Ferro do Vale do Vouga

Esta companhia aceita propostas até 4 de março proximo, para o fornecimento de: 98 aros, 13 ou 17 eixos para locomotivas e vagões. Desenhos e demais condições podem ser fornecidas no Serviço de Material e Tracção—Sernada—para onde deve ser dirigida qualquer correspondencia a tal respeito. Da proposta para ali enviada, deverá ser enviada copia em carta registada á Direcção Geral das Industrias—Praça do Rio de Janeiro, Lisboa. O Engenheiro Director da Exploração, *Ferreira de Almeida.*

NEVE NA SERRA DA ESTRELA

Comboio de excursão á Covilhã

Tendo caido mais um grande nevão na Serra da Estrela, a C. P. organizou para o proximo domingo, dia 5 de março, um Comboio de Excursão a Covilhã, com carruagens para Abrantes, partindo ás 6 e 45 da estação de Lisboa-R., onde regressa á 1 e 53. Vêr horário e condições no cartaz.

Preços Populares:—Para Abrantes, 30$50 em 2.ª classe e 22$00 em 3.ª; para Covilhã, 58$50 e 40$00. Marcação, 2$50. Bicicletas, 3$00.

Os bilhetes são tambem válidos de e para Entre-Campos, Braço de Prata, Olivais, Sacavem, Alhandra, Vila Franca, Entroncamento, Fratel, Castelo Branco, Vale de Prazeres e Fundão e prorrogaveis para regressar de Abrantes, Fratel, Castelo Branco, Vale de Prazeres, Fundão e Covilhã até aos dias 7 ou 9, pagando uma taxa.

Inscrição e prorrogação nas Informações da estação do Rossio, onde tambem se vendem bilhetes para o transporte em camioneta entre a estação de Covilhã e a Serra ao preço de 15$00. a quem os desejar.

A's pessoas da provincia que queiram utilizar esta excursão, é concedida a redução de 45 % entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que possam tomar o comboio.

Dirigir-se ao Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.º—Lisboa. (Tel. 2 4146).

«FOOTBALL» EM LISBOA

A C. P. organiza, em 5 de março, um comboio especial para transporte do publico do Norte que queira assistir ao jôgo Foot-ball Club do Porto-Sport Lisboa e Benfica.

O preço da viagem de ida e volta é de 80$00 em 2.ª classe e de 55$00 em 3.ª; marcação de lugar, facultativa 2$50. Os passageiros poderão regressar de Lisboa isoladamente até ao dia 8; para isso devem pedir no Escritorio de Informações da estação do Rossio a ampliação de prazo dos seus bilhetes, a qual custará 8$00 para a 2.ª e 5$00 para a 3.ª.

O comboio deve sair do Porto sabado, a meio da tarde, e regressar de Lisboa pouco depois de terminado o jogo.

Brevemente será publicado o horario.

A' margem da semana

O dia 27 de fevereiro

O aspecto do Terreiro do Paço no dia 27 de fevereiro teve uma tal imponencia e beleza que decerto ficará gravado na memoria de quantos puderam contemplá-lo.

Quando a manifestação começou a entrar na larguissima praça, a-pesar dos automoveis alinhados ocuparem quasi metade do espaço, eu dizia comigo: «Não é possivel haver gente para encher a outra metade...»

Mas o mar humano que avançava inundava tudo e uma hora depois trasbordava...

Vinha ali Portugal de norte a sul... Os da terra, os do mar, os da fabrica... Vinham tambem os operarios que pensam, dirigem, e escrevem, irmanados na honrosa fraternidade do trabalho. Todos labutam pela sua familia, pelo seu país.

Os pescadores distinguiam-se entre os outros homens, com as suas camisas de flanela riscada, com as suas botas de agua, com os seus suestes. Os rostos morenos e varonis, o braço forte levantado, dão-nos a ideia perfeita da coragem e energia da raça, por eles dignamente representada. Os da Nazaré trazem um distico que é a afirmação mais fervorosa que um português pode fazer:

«Chefe, a Nazaré obedece!»

Quando um português declara «que obedece», dá a maxima prova de dedicação, de confiança e de esforço.

O Porto como se, respondendo á chamada, dissesse: Presente! exclama num distico, em grandes letras: «Nós, os do Porto, viemos!»

Agitam-se mãos trigueiras acima das cabeças, dando á multidão compacta um fremito de vôo, que as asas dos pombos parecem continuar cruzando a praça...

Um homem forte traz ás costas um petiz loiro, como se mostrasse ao povo a razão de ser do afincado labor humano, o simbolo do futuro.

O ceu velado de nuvens cinzentas abria clareiras e uma chapada de luz descia sôbre os montes da Outra Banda e alegrava a praça com o seu fulgor. Os estandartes e bandeiras das corporações, os galhardetes dos barcos, o papel branco dos dísticos, as côres vivas das camionetas brilhavam ao sol.

O monumento a D. José animava-se de figuras vivas, que agilmente o invadiam. O elefante de pedra carregava um grupo de rapazes.

Chega o momento culminante. Salazar está na janela e tem a seu lado um velho pescador, com o peito constelado de medalhas, um lobo do mar, o homem que arrisca a vida pelo seu semelhante. Estão bem ao lado um do outro. Salazar tambem lançou a mão ao naufrago e trouxe-o á tona de agua. Devemos sempre lembrar-nos disso.

E' lida a mensagem das corporações. Fala Salazar. As aclamações repetem-se. Ergue-se uma revoada de lenços como se os pombos pousados levantassem vôo...

Começa a retirada, mas na praça vai entrando ainda o resto do cortejo interminavel...

Quando saio da janela, onde gentilmente me foi proporcionada a grandiosa visão daquela tarde, e desço, para regressar a casa, encontro na Arcada o rancho de Santa Comba, pitoresco com os seus trajos regionais.

Quando chegaram ao Terreiro do Paço já Salazar tinha partido. Vendo-os assim desconsolados, incito-os:

—Vão á calçada da Estrela!... São patricios, decerto os recebe...

A vontade é boa, mas creio que não se atrevem.

Caminho devagar, por entre os grupos de varias terras, conversando, e sentindo pulsar docemente no coração o mais puro e desinteressado de todos os amores—o amor a Portugal.

MARIA DE CARVALHO

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

A APOTEOSE FINAL DO CONCURSO

dos Grupos Musicais de Amadores

Lisboa inteira vai assistir, no proximo sabado a um espectaculo inédito de acentuado cunho popular, vibrante e colorido. Um conjunto de grupos musicais e orquestras tipicas, com a nota moderna e trepidante do «Jazz», executará composições inéditas para o grande publico, «modinhas brasileiras», tangos nostálgicos e canções populares de fina inspiração, em motivos de folclore regional. Além da nota artistica, o espectaculo será a revelação de alguns musicos e compositores de assinalados méritos, cujas composições musicais, de delicadas harmonias, estão destinadas a um grande exito. O formidavel espectaculo constitui o encerramento do grande Concurso Musical de Amadores, promovido pela Federação das Sociedades de Recreio e realiza-se na noite de 4 de março, no monumental salão do Palacio de Exposições no Parque Eduardo VII, gentilmente cedido pelo sr. Presidente da Camara Municipal de Lisboa. Haverá um baile, das 21 e 30 ás 6 horas abrilhantado pelos 32 grupos musicais que se exibem no espectaculo, durante o qual serão conhecidas as classificações do Concurso com entrega dos premios ao grupo vencedor e de medalhas de prata aos seus componentes Um dos melhores numeros do programa será a execução da celebre marcha obrigatoria do Concurso, feita por 280 executantes, num pitoresco e artistico conjunto dos mais variados trajos, com os quais desfilarão, pois, pelo salão, no proposito de disputarem uma taça de prata, que será conferida por um juri de que faz parte a popular e estimadissima actriz Beatriz Costa, do grupo cuja indumentaria mais agradavelmente se salientar. Nessa noite, a pedido da Federação das Sociedades de Recreio, não haverá festas nas colectividades suas filiadas, aos quais aquele organismo nos pede para solicitarmos que cedam os seus estandartes, enviando-os ao Palacio de Exposições, em qualquer dia, das 11 ás 17 horas. Os blihetes ao preço de 5$00 para cavalheiros e 2$50 para senhoras, continuam a ter extraordinaria procura na sucursal do «Seculo», no Rossio, na sede da Federação, rua da Palma, 256-A e na Caixa de Previdencia de Profissionais da Imprensa de Lisboa, rua do Loreto, 13, s/loja. Vendem-se tambem marcações de cadeiras, a 1$50 para galerias e 1$00 para salão.

COMUNICAÇÕES TELEGRAFICAS

com o porto do Natal

A companhia «Cable and Wireless, Ltd», anuncia que no dia 25 de fevereiro abriu uma nova estação telegrafica no Natal, Brasil.

Este porto, situado aproximadamente a 150 milhas ao norte de Pernambuco, está adquirindo uma importancia consideravel, em virtude dos aviões da mala-aerea da America do Sul ali convergirem, antes de partirem para a America do Norte ou Europa.

Além deste facto, o Natal está-se a tornar um centro muito importante de exportação de algodão, e assim o seu desenvolvimento comercial merecia bem ser assistido pela abertura desta nova estação, que põe o seu sistema em ligação directa com a rêde telegrafica mundial de «Cable and Wireless, Ltd».

A-fim-de se conseguir este novo serviço, foi necessario ramificar o cabo que liga Pernambuco ao Ceará, trabalho que foi realizado pelo vapor lança-cabos «Cambria», oportunamente despachado de Londres com essa missão. Um outro navio de Companhia — o «Norseman»—esteve tambem presente no Natal, para tomar parte nas cerimonias da inauguração oficial.

Junta de Freguesia de S. Mamede

As suas novas instalações

No começo do proximo mês de abril, a Junta de Freguesia de S. Mamede inaugura na rua do Arco, 48, as suas novas e definitivas instalações, no predio ali existente e onde se estão a fazer adaptações convenientes. Haverá nesse dia varios actos de assistencia, entre os quais cêrca de 20 casamentos de casais da freguesia.

Para essas cerimonias, além dos srs. ministro do Interior e governador civil, cuja obra de assistencia se vai tornando notavel, vão ser tambem convidadas varias entidades oficiais e a «Legião do Bem» da freguesia de S. Mamede, recente organização da Junta, que obteve de muitos dos seus benemeritos paroquianos uma colaboração efectiva e valiosa, o que permitirá fazer-se no dia aprazado para a inauguração da nova séde um bodo a todos os indigentes moradores na freguesia de S. Mamede.

Raleigh, Thomnna, Chandler, Helios

a prestações mensais e iguais desde **55$00**

Pneus MICHELIN

ARMANDO CRESPO

116 — Rua Crucifixo — 124

Telefone: 27027

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria da Conceição de Sousa e Holstein, D. Maria Madalena de Macedo Resende de Oliveira, D. Carmen Syder de Deus Ramos, D. Maria Camila de Barros e Vasconcelos Cunha e Alpoim, D. Lidia de Azevedo Gomes O'Conner Sherley e D. Cristina Quintela.

— Faz hoje anos a sr.ª D. Irene Costa de Sena Martinez.

NASCIMENTOS

Teve no Porto, o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Carolina Serodio Moreira da Silva Marques da Costa, esposa do engenheiro sr. José Manuel Marques da Costa. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

CASAMENTOS

Ajustou-se oficialmente no Porto o casamento da sr.ª D. Maria José de Sampaio Rodrigues do Amaral, gentil filha da sr.ª D. Maria Henriqueta Rodrigues do Amaral e do sr. Aurelio do Amaral, com o sr. dr. Antonio de Almeida Vieira, filho da sr.ª D. Maria da Gloria de Vasconcelos de Almeida Vieira e do sr. dr. José de Almeida Vieira. A cerimonia deve realizar-se no proximo verão.

— Realizou-se na Basilica da Estrela, celebrado pelo reverendo dr. Domingos Nogueira, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza de Azevedo Gomes Shirley com o tenente de engenharia sr. Manuel de Matos Chaves.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Julia Quintanilha de Mendonça e D. Ester Dias Guimarães e de padrinhos os srs. Luiz Teotonio Pereira e dr. Fernando de Matos Chaves.

Os noivos, a quem foi oferecido grande numero de valiosas prendas, partiram para o Palace Hotel do Estoril.

—Celebrou-se na igreja matriz de Almeirim o casamento da sr.ª D. Maria Tereza de Sá Nogueira Moreno e Sanches de Dion, gentil filha da sr.ª D. Elisa Adelaide de Sá Nogueira e Sanches de Dion e do sr. D. Alberto Moreno Sanches de Dion (Lisea), com o sr. dr. Francisco de Melo Cardoso Moniz (Palme), filho da sr.ª D. Maria da Gloria Pignatelli de Melo Moniz e do sr. Antonio Cardoso Moniz (Palme), já falecido. Serviram de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos os srs. dr. José Cardoso de Melo Moniz (Palme) e D. José Moreno Sanches de Dion (Lisea). Presidiu ao acto o reverendo conego dr. José Cotrim da Silva Garcez, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Os noivos receberam a benção de Sua Santidade.

Finda a cerimonia, durante a qual um grupo de senhoras de Almeirim se fez ouvir em varios trechos de musica sacra, acompanhados a orgão, foi servido um finissimo lanche na elegante residencia dos pais da noiva. Os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas e valiosas prendas, seguiram para o sul do país, onde foram passar a lua de mel.

—Em Montemor-o-Novo, foi pedida em casamento, para o distinto clinico sr. dr. Antonio Benedito de Sousa, a sr.ª D. Nair Lopes Sameiro, gentil filha da sr.ª D. Sebastiana Caldas Lopes Sameiro e do sr. dr. Leopoldo Lopes Sameiro. A cerimonia deve realizar-se durante o corrente ano.

NO CLUB BRASILEIRO

Por iniciativa de um grupo de socios do Club Brasileiro, realiza-se na noite de sabado proximo, nos belos salões da sua nova sede, á rua Vitor Cordon, um jantar de homenagem á direcção daquela agremiação, da qual fazem parte os srs. dr. José Antunes dos Santos, presidente; comandante Jaime de Sousa, vice-presidente; dr. Anibal Salter Cid, primeiro secretario; dr. Arnaldo Adler, segundo sceretario, dr. Custodio Teixeira e Hugo Navarro de Andrade Belmarço, vogais e Sampaio Baptista, tesoureiro.

EM VIAGEM

Regressou de Paris, onde esteve em visita de estudo, o sr. dr. Ricardo Horta.

DOENTES

Foi operada pelo cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Genoveva da Silva Dionisio.

— Tem estado gravemente enfermo o sr. conselheiro visconde de Ollivã.

Caramelos «CONFIANÇA»

Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscotos «confiança». Peçam esta especialidade. A' venda em toda a parte. Quilo. 28$00.

LUSALITE

CHAPA LISA E ONDULADA

LUSALITE

TUBOS E ACESSORIOS

LUSALITE

DEPÓSITOS-VASOS-FLOREIRAS

LUSALITE

123-RUA S. NICOLAU-TEL 2 3948-2 8941

LUSALITE

Silvikrine

Alimento natural do cabelo

Evita e suspende a queda do cabelo e estimula-lhe o crescimento. Conserva a saude do couro cabeludo. Extermina a caspa dum dia para o outro.

Ponha hoje mesmo um frasco de Silvikrine no seu toucador.

A Silvikrine descoberta pelo célebre biologista Dr. Weidner, alimenta eficazmente os tecidos geradores do couro cabeludo, ministrando-lhes, do exterior, os elementos constitutivos do cabelo. Deste modo, provoca um novo crescimento de cabelos sãos.

Loção Silvikrine Esc. 12$00

Cuide do couro cabeludo, e êle cuidará do seu cabelo. O seu couro cabeludo precisa de Silvikrine.

Silvikrine

fortilisa o coiro cabeludo

A' venda em todos os bons estabelecimentos

Representantes em Portugal

Laboratórios Silvikrine

Campo 28 de Maio — LISBOA

PO-404-K

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 3—Santa Conegundes, imperatriz.

Lausperene, sai da igreja de S. Vicente, para a capela de Santo Antonio, na rua de Entre Campos. S. Vicente, ás 11 e 30, missa, por musica, da reposição do Santissimo e procissão. Capela de Santo Antonio. ás 11 e 30, missa solene, da exposição do Santissimo, ás 18, terço de Benditos. Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos.

A's 17 horas, procissão do Senhor dos Passos, presidida pelo sr. arcebispo de Mitilene.

JANTAR DANSANTE

no Estoril Palace Hotel

Realiza-se ámanhã, no Palace Hotel, o habitual jantar dansante das 6.as feiras.

Banco Pinto & Sotto Mayor

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 30.000.000$00

Sede Rua Aurea, 18 a 30 Lisboa

E' convocada a Assembleia Geral ordinaria dêste Banco para reunir na sede do mesmo, no dia 22 de Março, pelas dezasseis horas, a fim de discutir, aprovar ou modificar o relatorio, balanço e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal relativos á Gerencia finda em 31 de Dezembro de 1938, bem como proceder á eleição dum Membro do Conselho de Administração.

Lisboa, 1 de Março de 1939.

O Vice-Presidente da Assembleia Geral

Pela Companhia de Seguros Luso-Brasileira "SAGRES"

O Administrador-Delegado

Artur Brandão

Já se rompeu?

Então não era sola PANCO!

A sola PANCO autentica tem a marca PANCO gravada

O dia começa bem

Cafés puros.

sem qualquer mistura,

MOIDOS A VISTA DO CLIENTE.

TODAS AS QUALIDADES DAS NOSSAS COLONIAS E BRASIL.

PREÇOS DESDE 7$00 POR QUILO.

SECÇÃO ESPECIAL DOS ESTABELECIMENTOS

JERONIMO MARTINS & Fº

RUA GARRETT, 13 A 23 - LISBOA.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguese

Serviço especial para o Algarve

Até 10 de março proximo continuam á venda, nas estações e aos preços abaixo indicados, bilhetes especiais com 45 % de redução para visitar o Algarve, os quais permitem parar á ida e á volta em todas as estações a partir de Messines-Alte e os da provincia, excepto os de Evora, tambem em Lisboa, podendo ser utilizados pelas vias Sado ou Lisboa-Beja.

De Regua: 357$00 em 1.ª classe e 258$00 em 2.ª; de Viana do Castelo: 347$00 e 252$00; de Braga: 336$00 e 243$00· de Porto: 316$00 e 228$00; de Aveiro: 287$00 e 208$00; de Coimbra: 265$00 e 192$00; de Figueira da Foz: 265$00 e 192$00; de Leiria: 238$00 e 174$00; de Caldas da Rainha: 215$00 e 157$00; de Covilhã: 298$00 e 216$00; de Elvas: 283$00 e 205$00; de Portalegre: 263$00 e 191$00; de Santarem: 203$00 e 149$00; de Lisboa-T. P. 169$00 e 125$00 e de Evora: 159$00 e 117$00.

De qualquer outra estação, consultar o Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.º. (Telefone 2 4146).

Validade: de Lisboa e Evora 10 dias; das outras estações 15 dias. Vêr outras condições nos cartazes afixados nas estações.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

Leilão de remessas e volumes

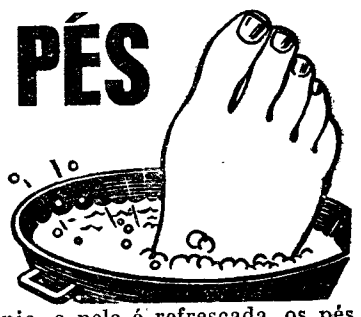
De harmonia com o disposto nos Artigos 114.º da Tarifa Geral e 8.º da Tarifa de Despesas Acessorias, proceder-se-á á venda, em hasta publica, na estação de Figueira da Foz, no dia 5 de março proximo, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, e de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatarios e interessados de que, até ao dia 4 do citado mês, e mediante o pagamento dos respectivos debitos, poderão ainda retirar os volumes e objectos que lhes pertençam, devendo para isso dirigirem-se ao engenheiro chefe do Serviço de Movimento e Trafego, na Figueira da Foz.

O engenheiro director da Exploração,
(a) *Fernando d'Arruda*

Tire a fadiga de seus PÉS

com êste banho carregado de Oxigénio



Para pôr termo à fadiga de seus pés depois dum dia árduo de trabalho, para aliviar a inflamação e a inchação, para amolecer os calos, olhos de perdiz e calosidades, deite uma mancheia de Saltratos num banho para os pés. O oxigénio nascente que se solta dos Saltratos Rodel ao contacto com a água quente, penetra na pele inflamada, descongestionando-a e restabelecendo a circulação sanguínea. Graças à acção vivificante e natural do oxigénio, a pele é refrescada, os pés desincham e tornam-se normais até o ponto de permitirem, em seguida, o ter-se o prazer de usar calçado mais justo. Os calos mais «teimosos» amolecem de tal forma que podem ser fácil e inteiramente tirados com os dedos, pela raiz. Comece hoje mesmo a dar aos pés um banho de Saltratos Rodel que se encontram à venda em tôdas as farmácias e drogarias. Custam uma insignificância e dão resultados garantidos.

Pectussin contra Tosse, Asma, Tosse convulsa

À venda em todas as farmácias

POR 5$00

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas,** joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas,** podendo o objecto ser adquirido à primeira prestação **sómente por 5$00. F. de Sousa Torroais**, Rua de S. Paulo, 106 Telef. 26518.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 12 h.
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç, das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Doenças sr.as operações—Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 6 h.

ANALISES CLINICAS

TELEFONE 2 6519

Chá do Cairo Diabéticos

Este cha é o vosso prazer e o vosso alivio

Vende PEROLA S. DOMINGOS

R. Correeiros, 331

Tilia da Australia

A MELHOR QUALIDADE

Vende PEROLA S. DOMINGOS

331 — R. dos Correeiros — 331

Mil Fôlhas — Chá

Este é agradavel e é a vossa saude

Vende PEROLA S. DOMINGOS

R. Correeiros, 331

CASINO ESTORIL

Aos sabados: Jantar á Americana
Preço: Esc. 20$00
Nos restantes dias; Jantar dançante
Preco: 12$50

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sabados e domingos **Comboio,** (2.ª cl ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada. **TODOS OS DIAS: comboio,** (2. cl, ida e volta **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50.**

A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sabados: Concerto as 16 e 30 horas pelo **QUINTETO PAULO MANSO.**

Todos os dias; de tarde cha dansante excepto sabados e a noite baile e cinema, **Orquestra Portugal.**

Leilão de Penhores

A Comercial

18, T. da Trindade, 22 (Junto ao Chiado)

Telef. 2 5082

Recebem-se juros dos penhores atrasados em mais de 3 meses, para que não sejam vendidos no proximo leilão.

Pensão ROQUE

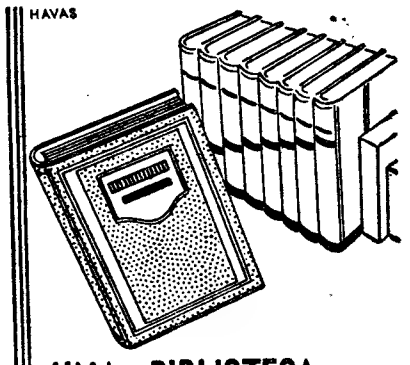
Tel. 2 2613 — Rua dos Sapateiros, 173, 1.º, D.

Optimo serviço mesa; aceita comensais; diarias desde 16$00; refeições na sala e domicilio, 5$50.

LEIA O

fixe

HAVAS



UMA BIBLIOTECA BEM CUIDADA

Para a encadernação de livros, o «Fabrikoid» Du Pont é, sob todos os aspectos, muito superior a qualquer outro material incluindo a carneira e o marroquim. Não absorve a humidade, a gordura ou o pó e impede a criação de insectos e parasitas.

DU PONT FABRIKOID

REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

OLY

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem aveludar o rôsto se a pele fôr oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos proprios destas peles, como póros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

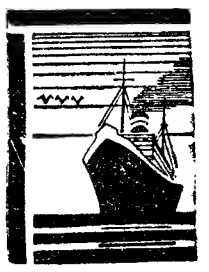
Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA a criar produtos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. A sua pele normalizar-se-á sem ter que evitar o emprego de produtos de beleza.

Basta para isso tratar-se com produtos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREME OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÓ D'ARROZ OLY que manterá á superficie da pele as suas beneficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Beleza

Lisboa—Av. da Liberdade, 35—Telef. 2 1866

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

VAPOR

Ganda

sairá no proximo dia 11, pelas 12 horas, recebendo carga para

S. Tomé, Pointe Noire, Sabaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e **Moçambique,** e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:—Este vapor recebe carga até ás 20 horas do dia 7 e desta data até ás 20 horas do dia 10, com o aumento de 20 %, e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

RECORDAÇÕES HISTORICAS

O Castelo de São Jorge e a Casa Pia

por F. A. Oliveira Martins

E' assunto que anda na baila o Castelo de São Jorge e a sua reintegração, por isso, buscando oportunidade, dele nos vimos ocupar.

Nem Julio de Castilho na sua «Lisboa Antiga», reeditada pela Camara Municipal, nem o sr. Vieira da Silva, no seu livro «O Castelo de S. Jorge em Lisboa», dão noticia pormenorizada da construção e utilização inicial daqueles casarões, que se alteiam sobre a baixa; casarões que não devem á estetica, mas foram, no seu inicio, viveiro inesquecivel de muita energia utilissima aos interesses nacionais.

Quis o destino que a investigação, (1) nos tivesse revelado a origem das tais habitações. E, porque assim foi, nos apressamos a trazer a publico, de momento em resumo, os elementos elucidativos, que a tal proposito colhemos.

Por ordem regia de 20 de maio de 1780 foi determinada a fundação da «Casa Pia» e da «Casa da Força», tendo uma e outra instituições ficado a cargo da Intendencia, que as manteria com os impostos designados por *reais e realetes*.

Publicada a ordem regia deu-se o Intendente Pina Manique ao trabalho de procurar pela cidade onde estabelecer a nova fundação. Depois de bastante procurar resolveu que o melhor local para o «Instituto» seria o Castelo de São Jorge. Então no Castelo existiam, no recinto ainda hoje conhecido pelo Castelejo, umas velhas construções denominadas «Quarteis dos Mouros», onde se poderiam albergar uns 300 individuos, dando-se com esta a circunstancia de existir grande espaço, que poderia ser aproveitado para alargamento dos hospicios, espaço que envolvia a parte arruinada da velha Alcaçova, embora de premeio existissem construções de particulares, que teriam de ser expropriadas.

Determinado o local logo o Intendente se deu a ordenar as obras necessarias á adaptação dos «*Quarteis dos Mouros*», tendo chamado em seu auxilio, para tal fim, e projecto de alargamento, o capitão Manuel Caetano de Sousa, tio-avô de Alexandre Herculano.

A 6 de junho do ano de 1780, começou o arquitecto a sua faina de adaptar as velhas habitações a hospicios, enquanto ia dando incremento ao projecto e construção de *casa regular e perpetua para todas as mais precisões deste grande estabelecimento.*

No dia 3 de julho estava concluida a obra de adaptação, podendo ser abertas á pobreza de Lisboa as portas do Castelo. O numero primeiro de necessitados recolhidos foi de 13. Na sala da direcção da Casa Pia, em Belem, existe, entre outros quadros, a que nos vamos referir, um, alusivo á abertura da «Casa Pia», no qual se lê a seguinte inscrição:

«Recepção carinhosa dos orfãos e pobres de ambos os sexos a cuja memoravel acção deu principio o Intendente Geral da Policia Diogo Inacio de Pina Manique, no dia 3 de Julho de 1780».

As obras de adaptação continuaram a progredir, e um dos cuidados maiores do dirigente das obras foi o estabelecimento de cisternas, além das que já existiam construidas ha seculos.

Pelo andar de agosto o Intendente requereu, que, pela Junta do Comercio, lhe fosse entregue certo numero de rodas e teares, que essa tinha em seu poder, para emprego das gentes recolhidas. Teares e rodas que foram colocados no recinto conhecido pelos «Quarteis velhos».

Das novas construções a primeira a ser inaugurada foi-o em 29 de outubro, aniversario da trasladação da Rainha Santa Isabel, padroeira da Casa Pia; Santa Rainha que deu o seu nome ao hospicio das meninas orfãs, sendo o dos meninos da invocação de Santo Antonio.

Alusivo a este acto existe, tambem, na já aludida sala da direcção da Casa Pia, um quadro, no qual se vê o Intendente rodeado do pessoal da instituição, lendo-se a um dos cantos do mesmo a seguinte inscrição: «Transito pomposo para o edificio que hoje ocupão de todos os orfãos e pobres que recebera o Intendente Geral, a cuja passagem, depois de serem decentemente vestidos, assistiu, a maior parte da Côrte no dia 29 de outubro de 1780».

As obras e os projectos continuaram, pois os planos do Intendente eram larguissimo. Assim, nos principios de 1781, Manique removia as dificuldades da expropriação dumas casas que aí possuia o conhecido oratoriano padre Joaquim de Foyos, casas situadas entre a Alcaçova e, agora, o hospicio dos orfãos. Em março já as dificuldades estavam removidas e em andamento, o novo corpo, onde estabeleceu as mulheres perdidas e os mendigos, ficando, sob a invocação de Santa Margarida de Cartona, o hospicio das mulheres, e, sob a da Senhora do Carmo, o dos homens.

Tais proporções tinha já tomado a «Casa Pia» que, em 3 de abril do ano seguinte, como refere a «Gazeta de Lisboa», a Rainha D. Maria I, foi convidada a visitar o novo instituto, dando-lhe o seu real beneplacito. Deste facto existe, tambem, na sala da direcção da Casa Pia, um quadro alusivo, representando a Rainha D. Maria I, de pé; nele se lê a seguinte inscrição «D. Maria I R. Fidelissima, fundadora desta Real Casa a honrou com o seu real beneplacito no dia 3 de abril de 1782».

Encorajado pelas palavras regias o Intendente quis ir mais além, lançando um corpo de construções, este sobre as paredes da velha Alcaçova—depois palacio dos Alcaides de Lisboa—pelo que pediu insistentemente lhe fossem dadas facilidades para o fornecimento de madeiras do Pinhal Real, e dinheiro, pois o tesouro proveniente dos *reais* e *realetes* já estava esgotado. Recorria ao chamado «cofre da obra da ponte de Coimbra», pedindo dele lhe fizessem um emprestimo de sessenta contos de reis. Conseguida esta importancia foi levada por diante a nova obra até certo ponto, pois, a-final, ela foi entregue ás «Obras Publicas», que a concluiram.

Nesse edificio, que o autor a que nós socorremos chama reconstrução da Alcaçova, encontram-se hoje instaladas, a sala de oficiais, biblioteca e mais dependencias do Batalhão de Caçadores n.º 7.

Aí, nos tempos da «Casa Pia», funcionou o Colegio de S. Lucas e S. Diogo, onde foram ministrados os estudos superiores, orientados por José Anastacio da Cunha, durante poucos anos, pois a morte rapido o levou.

Nesse edificio teve lugar o oratorio de Santa Isabel que diz a tradição ficava no justo lugar, onde a Rainha Santa tivera seus aposentos, e ainda os salões de festas por onde passaram os melhores artistas portuguees, o corpo diplomatico, e a maior nobreza do reino, quando das festas grandiosissimas que o Intendente ali dava anualmente, no aniversario da Rainha.

Ficou notavel o triduo realizado na «Casa Pia» quando do nascimento da princesa da Beira, que Inacio de Sousa Meneses contou com pormenores, e onde o leitor vai encontrar a descrição mais circunstanciada desses casarões do Castelo, tal qual eram nesses dias e a forma rica como foram ornamentados.

E' sabido que os edificios ocupados pela «Casa Pia» foram entregues aos franceses, quando da invasão, em 1807, que neles se alojaram, estragando tudo que encontraram.

Anos decorridos (maio de 1812), quando se pensou em reconstruir a «Casa Pia», foram vistoriadas as casas do antigo estabelecimento, que se encontravam em tal estado que levou a Intendencia a desistir de as aproveitar, ordenando-se então a abertura da «Casa Pia», interinamente, no convento do Desterro, reunindo-se aí os trastes e utensilios que lhe haviam pertencido, e andavam dispersos pela casa de cada um, nas imediações do Castelo.

Durante anos estiveram, as tais casas, quasi por completo abandonadas, servindo de prisão da Côrte as antigas prisões da «Casa da Força». Só mais tarde (1825), como o sr. engenheiro Vieira da Silva diz, a pag. 150 do seu já citado livro, aí se estabeleceram quarteis, além doutros serviços militares.

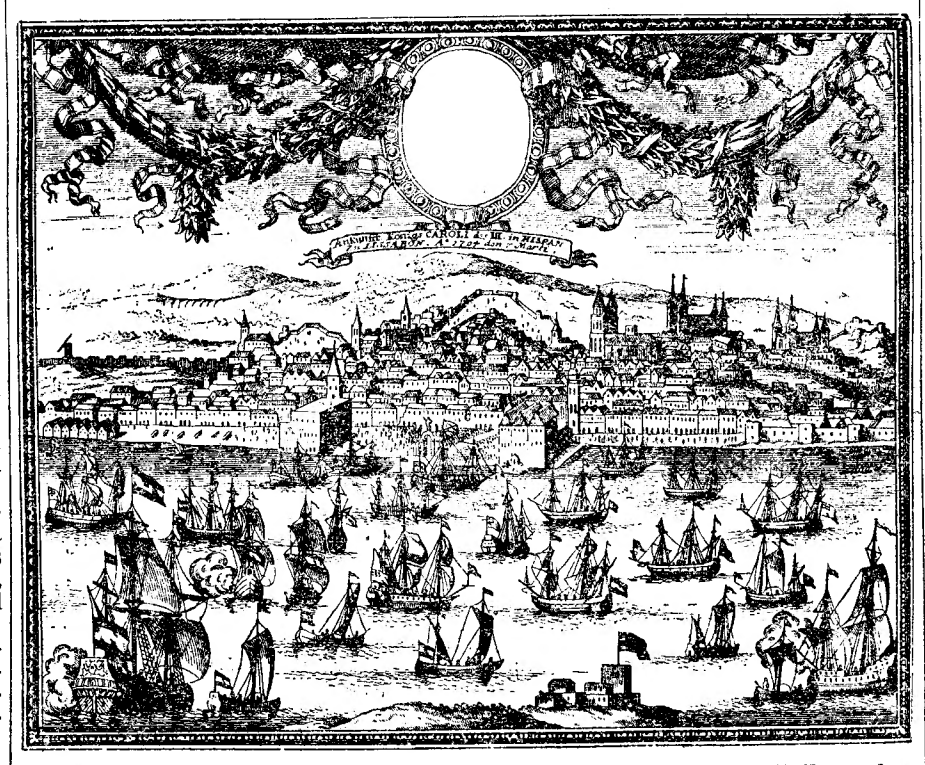
«O mal avisado dos nossos oitiçonenses tem estado em limitarem aos «Quarteis dos Mouros», unicamente, a localização da «Casa Pia», quando, nascida aí de facto, a instituição ocupou as construções existentes que, como vimos, para tal objecto foram erguidas.

F. A. OLIVEIRA MARTINS

---

(1)—Socorremo-nos além do Arquivo da Intendencia, depositado na Torre do Tombo, do manuscrito intitulado Narração Historica da fundação, e do estado actual da Casa Pia, no Castelo de São Jorge, etc., estabelecido em 29 de outubro de 1780, por Verissimo Amador Patricio, e ainda documentos arquivados na actual «Casa Pia».

Retrospectiva citadina



Vista panoramica de Lisboa, nos principios do seculo XVIII, onde se vê o monte do Castelo encimado pela velha Alcaçova

Um centenario do chá

por Vitorino Nemesio

Leio nos jornais que os ingleses festejaram em janeiro o centenario do chá. Qual centenario? O meu fraco enciclopedismo informa-me que o chá entrou na Europa lá pela segunda-metade do seculo XVII; e lembro-me de um poema patriotico de Afonso Lopes Vieira, um breviario de orgulho nacional em que se acumulam e graduam prioridades portuguesas no concerto dos comodos europeus. Fala o bom português. O vaidoso europeu ouve:

Pusemos-lhe na mão a chicara de chá.

Ora, eu não sei como nem quando é que se procedeu a esta operação capital. Sei que Peres de Andrada chegou ao Ceilão em 1517. Que arribámos á China e ás ilhas de Sonda primeiro do que ninguem. Que a curiosidade pelos reinos e imperios da Aurora não parou em Fernão Mendes Pinto; que Gaspar da Cruz falou da China, Antonio Galvão das Molucas, Luiz Frois do Japão. E' vago. O que eu queria era fazer a estatistica segura da partida do chá para a Europa, ver o português torrar ou assistir ao torrar das folhas de chá verde, fazer fermentar as de chá preto, chegar ao compromisso que na ilha de S. Miguel se chama o «chá preto de ponta branca». Era isso que me vingava de não ter assistido em Londres a algum desses chás das cinco com que John Bull celebrou um seculo de qualquer grande efeméride do licor da finura e do convivio.

Werner Sombart, o conhecido historiador das formas civis do capitalismo, liga grande importancia, como não podia deixar de ser, á contribuição portuguesa para a formação da vida de cidade, tal como ela se estabeleceu, por mal dos nossos pecados, lá pelo seculo XVI. Parece que temos muito que ver com estas questões de aglomerados de população que vivem «bem», renegam o campo, gostam de coisas boas, se concentram ao pé da baixela, do cofre, da vitrina dos ultimos judeus que vivem em paz neste mundo, que são os de Amsterdam.

A-pesar-de ser uma triste gloria, a verdade é que uma das que temos e que ninguem escolhe gloria para nascer—nem mesmo a gloria de exportar como desenjoativo dos outros a sardinhinha que em nossa casa ajuda ao pão nosso de cada dia.

Stephan Zweig tambem nos trata muito bem por causa de coisas destas. Com que ternura se compadece dos pobres grandes senhores de França, de Flandres, de Alemanha, obrigados a comer, já em plena Renascença de artes e de apetite, a carne do veado e do faisão com duas pedrinhas de sal, encruada e desenxabida—eles, para quem o paladar era uma das grandes maneiras de se certificarem do mundo! Demos-lhes, com os temperos da panela, um mundo mais gostoso, menos salgado, mais *épicé*.

Mas o que eu queria tirar a limpo era a gloria de lhes termos dado o chá, já que universalmente se atribui a esta beberagem uma correspondencia importante com a regra do bom-viver. Tudo quanto é delicadeza e espirito de conciliação nos ficaria enfeudado. Eram as cartas familiares («estou bem, minha filha; ontem Fulanos—*e bem pouco fulanos!*—estiveram cá; tomou-se chá; muito se falou de si»); era a dança e o casamento de conveniencia, a boa musica, a literatura amena, a propria Sociedade das Nações e até a conferencia de Munich que revertiam em nossa honra.

Que falta me faz aqui uma boa enciclopédia de história da civilização, bem verbetada, bem encadernada, com uma chicara de chá ao lado! E logo um bom glossário semantico que não deixasse o português da parte de fora da porta, e assim me industriasse sôbre a evolução de *chicara* e *chávena:* quando é que foi mais chic passar a dizer *chávena* e, como Possidónio já dissesse *chávena,—chicara.*

Na minha terra dizia-se uma e outra coisa e o chá era sempre esplendido. Tôda a gente tomava chá; os pobres, para verberar o abuso, diziam: «o pingalho de chá». Entre os pescadores (que eu sou da borda de água), aguardente para os bêbados, chá para as mulheres era a regra. Bêbados conheci que, querendo regenerar-se, passavam a tomar grandes tijeladas de chá com pouco açucar. Causticavam a pobre guela exigente de excitações.

Por essas e por outras é que *tomar chá em pequeno* perdeu para mim todo o valor. Eu não podia tomar êsse facto como um tabu alimentar exclusivo dos que rogavam pragas, palitavam os dentes, punham para ali tudo o que lhes vinha á boca. O chá, na minha terra, ou alçapremava todos ou os fazia da minha igualha.

Que saudades dêsse tempo me fêz o centenário londrino do chá! Como êsses inglêses distintos, pacificos, elegantes, conseguiram levantar na memória de um bárbaro um fuminho de chaleira ilhoa—nada de samovares, de pouco açucar, de rodelinhas de limão. Era só ali o chá da mercearia, o chá estreme, com açucar de lasca, para tomar com pão depois de se ter tomado Nosso Senhor, depois de se ter trabalhado, comido um chicharro frito, chegado de uma viagem de carroça.

Emquanto se bebia o chazinho falava-se do tempo e da novidade, dizia-se: «o mar está bravo; amanhã não ha peixe»; dizia-se que a vida são dois dias e que este já vai na conta. Meu Avô tomava três chicaras de chá ao almoço, com pão e queijo; depois pegava no rebote e, á noite, fôssem lá ver: tinha o banco enriçado em cavacos de pinho de que ainda hoje sei o cheiro. Pinho da terra e pinho de Flandres. Cá estou no pinho de Flandres ...Podia ser muitissimo pior.

Depois, oiço trindades, acende-se o candeeiro de petroleo e o cenario é logo outro. E' a casa de minhas tias, a quem muita gente pagava fôro. Defronte havia sempre uma lampada ao Senhor das Misericordias, um Cristo imenso, escuro, achado no mar e com os pés comidos de beijos de aflição. Oiço uma voz: «A chaleira já ferve?».

Quando morria alguem havia sempre uma data de bules bem quentes chegados da vizinhança. Era o chá da viuva e dos orfãos. Mas o centenario desse chá, se é coisa que entre no tempo, não é para festas de ingleses.

VITORINO NEMÉSIO

Um trecho da igreja de Santa Clara, de Vila do Conde, que data do seculo XIV, agora reintegrada pela Direcção dos Edificios e Monumentos Nacionais

POETAS MODERNOS

PROVINCIA

Ai flores, ai abandonadas flores das rendas das meninas do solar!
As meninas, á varanda, olham para a paisagem sem vê-la,
Na espera inutil dum acontecimento
Que venha perturbar este domingo vagaroso de aldeia.

O sol faz mais sóis nas vidraças que guardam tranquilos misterios lá dentro.
Sobre os muros debruçam-se trepadeiras floridas,
E dum quintal vem a voz aguda duma criança correndo.
Um par de namorados olha o chão e o ceu azul sem nuvens.
Longe, pelo rio, os barcos parecem parados numa aguarela...

Na praça, ha a conversa dos homens importantes da terra,
Conversa cheia de silencios como a tarde...
«Quando eu estive em Lisboa...» Fica uma saudade no ar...
Um jovem silencioso compõe o nó da sua gravata austera,
E um sorriso, na sua face iluminada, sonha: «Quando eu fôr a Lisboa...»

ALBERTO DE SERPA

(Do livro agora publicado *A vida é o dia de hoje*

O romance "Batas brancas,,

Só pela muita consideração que nos merece o ilustre clinico e escritor sr. dr. Evaristo Franco publicamos a carta que ele nos enviou, visto ser norma do «Suplemento Literario» só dar guarida ás respostas em que se contestem erros de facto cometidos nas apreciações criticas de livros.

«Sr. Dr. Joaquim Manso: — *Surpreendido pela critica mordaz e desleal, que o suplemento literario do «Diario de Lisboa», de quinta-feira passada, descarrega sobre o meu livro «Batas Brancas», em quasi uma coluna de prosa maciça, eu venho pedir a V., para completo esclarecimento do assunto, a fineza de publicar esta carta no seu conceituado jornal.*

Arredado, inteiramente, das lides literarias, pois tudo quanto até hoje tenho publicado em 700 paginas, áparte «Batas Brancas», bem entendido, versa, exclusivamente, assuntos da minha especialidade medica, eu supunha que toda a critica, em materia de literatura, se fazia com a mesma ponderação e justo equilibrio que é usual em ciencia. E nem pela cabeça me passava que, para criticar uma obra literaria, houvesse alguem com responsabilidades, que precisasse de descer a prosa soez com o fim de fazer roçagar um livro pelo ridiculo.

Entretanto, a critica foi desleal. Em mais de meia coluna de transcrições, ela refere-se, exclusivamente, ao preambulo do trabalho. Sobre o assunto proprio de «Batas Brancas», nem uma palavra. Isto dá-me, naturalmente, o direito de pôr em duvida a probidade profissional do critico.

Além disso, em atenção a V. e aos leitores do seu jornal, eu devo declarar que esteve muito longe de mim a ideia de fazer sucesso facil com o meu livro: — nem para fins de propaganda pessoal, da qual não necessito, nem para auferir lucros por meio da literatura. As pessoas que me conhecem sabem que tambem não preciso desses lucros. Principalmente por estas duas ultimas razões, eu venho rogar a V. a subida fineza da publicação destas linhas.

Creia-me V., seu admirador sincero, Evaristo Franco».

Meus versos

Meus versos, flôres bravias
que vivem nas serranias,
sem carinho, sempre em pranto.
São tristes! Que hei de fazer?...
Aprenderam a sofrer
comigo, que sôfro tanto!

Meus versos são cantos tristes
talvez porque Tu existes
p'ra lhes roubar a alegria.
Mas eu sofro com prazer,
sôfro por muito te querer,
sôfro sempre, noite e dia.

Meus versos são para ti,
para ti os escrevi
com tão profunda ternura!
São vozes dum coração
que vive na solidão
e sente assim a ventura.

Meus versos são cantos pobres,
mas vê se neles descobres
o meu tesouro sagrado.
Guardei-o, escondi-o bem
não fôsse passar alguem
e Tu não fôsses roubado.

MARIA DE LOURDES

Da espada á cruz

Foi conde e foi brigão. Orgulho e lava.
Depois, conquistador. Nem D. João
Tomava com mais ansia um coração
E com mais ansia e ardôr o triturava.

Era tremendo. Sempre que passava.
Acompanhava-o triste multidão
De sombras ululantes que a paixão
Lançara ao desespero e amarfanhava.

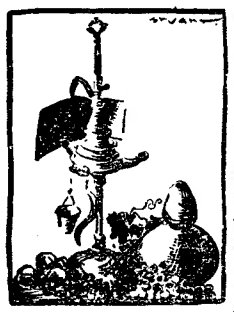
Mas, um dia, esse conde, que ás loucuras
Do amor socrificara almas tão puras,
Partiu o seu brazão e fez-se frade.

Foi impio, foi brigão, foi tenebroso.
Chamou-se D. Tenório. Era impiedoso,
E é hoje Frei Antonio da Piedade!...

RUI DO VOUGA
(João Pedro da Silva Tavares)

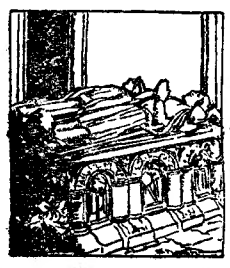
A-pesar do segredo do que se passa nos conclaves, sempre alguns pormenores filtram através das portas majestosas do Vaticano. Foi o papa Pio X, que reagiu com vigor contra as indiscrições e que impôs aos cardiais, mesmo após a eleição papal, o mais absoluto silencio sob pena de excomunhão maior. Esta decisão explica o motivo por que nunca se soube nada de preciso sobre os conclaves que elegeram Bento XV e Pio XI. Em seguida ao conclave de agosto de 1903, Pio X ficou bastante irritado com o facto do cardial Mathieu ter publicado na «Revue des deux Mondes» um relato circunstanciado e pitoresco do que se passou nas suas cinco sessões, no decorrer das quais os membros do Sacro Colegio se entregaram a uma luta ardente e obstinada. O gesto do prelado francês magoou tanto o austero Papa, que este relembrou a svelhas regras impostas pela igreja romana nos conclaves, agravando as penas estabelecidas a quem desobedecesse.

■



No dia 13 de abril é inaugurado em Biarritz um monumento á rainha Vitoria, que foi varias vezes hospeda da linda cidade francesa. O monumento é obra do escultor Maximo Réal del Sarte, que gentilmente o ofereceu. E' constituido por um pedestal em pedra vermelha, tendo um medalhão com a efigie da rainha, reproduzida duma fotogravura inglesa onde a soberana é representada a três quartos, com um vestido ligeiramente «décolletée», cingida de corôa. Num dos lados do pedestal serão gravados dois versos de Schakespeare, celebrando a grandeza britanica bem como os deveres de hospitalidade e da gratidão.

■



O grande poeta inglês William Butler Yeats que, recentemente, faleceu, foi enterrado em Roquebrune. Muitos outros escritores ingleses dormem em terra estrangeira. Só em França jazem cinco, George Gissing foi enterrado em Saint Jean de Lux; J. B. Green em Menton; Catarina Mansfield em Fontainebleau; Oscar Wilde em Paris e D. H. Lawrence em Vence.

A Italia tem os restos mortais de Keats, Elisabeth Barrett Browning e Imolliett. Na ilha de Skyros dorme o seu ultimo sono Rupert Brooke e, numa Samoa, R. L. Stevenson. Esta lista não tem a pretensão de ser completa.

■

Um chefe de orquestra alemão, puramente ariano, antigo colaborador do Scala, de Milão, enviou ao director deste teatro, uma carta pedindo que fôsse anulado o seu contrato. Eis um trecho dessa carta, agora publicado nos jornais ingleses:

«Tive conhecimento de que foi proibida a entrada de judeus no teatro onde trabalho. A musica existe para toda a gente, tal como o ar e o sol. Quando esta fonte de consolação, tão necessaria na triste epoca que atravessamos, é recusada a um homem, unicamente porque pertence a uma outra raça, ou porque pratica outra religião,—recuso como artista e como cristão aceitar semelhante interdição».

O homem que escreveu esta nobilissima carta chama-se Erich Kléber.

UMA NOVELA

Preconceito Fidalgo

por Martha Rodrigues

Noite de inverno, tempestuosa e fria. A chuva cai violentamente e o vento fustiga, sem piedade, o arvoredo que, em lugubre sussurro, implora clemencia. A chuva corre impetuosa com ruido de cascata; estão desertos e intransitaveis os caminhos. Perto da estrada, numa casinha, que o rijo vendaval parece derruir a todo o instante, aconchegam-se á lareira dois velhos, marido e mulher: êle, sêco e encarquilhado; ela, de alvos cabelos e rosto enrugado, do qual dimana extrema bondade. Rodeia-os um mobiliario muito simples, uma tosca mesa de pinho e alguns bancos. Na prateleira da chaminé amontoam-se os utensilios de cozinha e, num compartimento contiguo, uma cama onde se encontra deitado alguem, que á primeira vista não é facil distinguir. De quando em quando a velhinha levanta-se e vai aconchegar-lhe a roupa, voltando para junto do marido. Ambos passariam ali a noite enrolados numa manta, ao calor do borralho. Lá fora o vento continua nas suas rajadas ciclonicas. Ajeitam-se os bons velhinhos e deles se apodera um natural entorpecimento. Sobressalta-os, porém, o ressoar forte de duas pancadas na porta. Hesitam, mas lembram-se de alguém que peça abrigo; em noites de rigorosa invernia não era a primeira vez. O velho vai abrir. Na sua frente, em trajo de caça, vê dois individuos, talvez pai e filho. Encharcados até aos ossos, pedem um bom lume para se aquecerem, pois sentem-se enregelados. Surpreendera-os a procela—explica o mais idoso—e não lhes fôra possivel alcançar a residencia, ainda muito distante. Andavam á caça, quando se desencadeou o inesperado temporal. Eles são os senhores do solar de Meneses, que certamente conheciam de nome. A forte ventania, penetrando através das fendas da porta, obriga-os a aproximar-se mais do lume crepitante na lareira. Enquanto falavam, ouve-se um gemido, logo seguido de outro. Os recenchegados entreolham-se e preguntam:

—Está alguem doente nesta casa?

—Sim—respondem os dois velhos ao mesmo tempo—uma netinha de dezoito anos, que ontem adoeceu. Ainda há pouco a fui cobrir e tem o corpinho a escaldar—acrescenta a avó.

Os dois caçadores erguem-se quasi ao mesmo tempo, tomando a direcção do quarto, donde partiam os gemidos. O mais novo, rapaz vigoroso, com um pequeno bigode a ensombrar-lhe o labio, expressão franca e simpatica, afasta a manta que cobria a doente, uma linda rapariga, loira, de olhostazues. «Ele é medico»—observa o pai. Taeia-lhe o pulso, ausculta-a. E' uma pneumonia dupla; e convence os avós da necessidade de a transportarem ao hospital mais proximo, mal o tempo o permita.

E' madrugada; ouvem-se os galos cantar. O filho de Jupiter abrandara a sua furia, e a chuva cessara por completo. O sol apresenta-se esplendido e sereno, indiferente a todos os sofrimentos humanos; e o firmamento ostenta o seu manto azul sem mancha, não deixando suspeitar o mais leve vestigio da borrasca que passara. Os caçadores põem a tiracolo as suas espingardas e partem, prometendo voltar dentro de algumas horas. De facto, não faltaram. Na estrada ouve-se o som duma buzina e um automovel pára, dele saindo o medico que, acompanhado do motorista, se encaminha para a casa onde ele e o pai se haviam abrigado, durante a tormentosa noite. Embrulhada em uma manta, que expressamente haviam trazido, levam a rapariga para o carro, e conduzem-na imediatamente ao hospital, de que o doutor é assistente. Internada num quarto particular, a pneumonia segue o seu curso. O medico é assiduo nas suas visitas á doente, junto da qual vela constantemente uma enfermeira. Ao setimo dia, o doutor Meneses quasi desespera. Felizmente, o coração mantem-se forte, a febre decresce e a respiração regulariza-se. O perigo desaparecera. Volvidos alguns dias já Elisa pode ver os avós, e o medico oferece-se para os ir buscar no seu carro. Os pobres velhinhos rejubilam ao encontrarem a neta tão bem cuidada. Choram de alegria e não se cansam de agradecer ao medico.—«Foi a Santa Providencia que o levou a nossa casa. Bendita aquela noite de tempestade, pois de contrario a nossa netinha não teria resistido. Deus o abençoe e o cubra de felicidades». Satisfeitos e alegres, regressam á sua cazinha. Elisa mostra-se imensamente grata a todos que a trataram, especialmente o medico, que tem sido duma dedicação inexcedivel. Até já as enfermeiras fazem intriga:

—«O doutor Meneses gosta da Elisa»—dizia uma. «Na verdade vi-o bem preocupado quando essa doente estava pior»—acrescentava outra». Olha, lá chega o medico; vamos espreitá-lo na sua visita á Elisa». O doutor Meneses dirige-se para o quarto da doente, agora em convalescença. As enfermeiras, pela porta entreaberta, não se cansavam de olhar uma por cada vez. «A Elisa—observa uma—está sentada na cama, roburiza-se, ajeita os cabelos». «O nosso doutor—pondera outra—parece um colegial, está perturbado, nervoso, mas contente. Temos casamento». E não tardou que todo o elemento feminino do hospital soubesse da paixão do doutor Meneses. Quando a convalescença se acentuou, Elisa conversava animadamente com o medico, patenteando-lhe o seu reconhecimento. O doutor gostava de ouvir, não sabendo que mais admirar nela, se a sua beleza, se a facilidade com que se exprimia, aquela rapariga, que ele julgava criada no campo.

Elisa encontra-se quasi restabelecida, e nos seus olhos côr do ceu renasce a alegria de viver. O doutor Meneses sente-se cativo da sua candura, da sua gentileza. Uma tarde, aproveitando um passeio no jardim, diz-lhe quanto lhe quere, e Elisa não oculta tambem o que lhe vai na alma. O restabelecimento vem rapido. Certa manhã, ao passar por uma enfermaria, Elisa corre precipitadamente em direcção a uma doente, sentada junto do leito. Com alvoroço chama a enfermeira. Tinha ali a sua mãizinha. Que milagre! Como estava tão perto dela sem o poder suspeitar! A mãi imagina-se joguete dum sonho. O doutor Meneses chega e a enfermeira expõe-lhe o acontecimnto. Quere vêr sem demora a mãi de Elisa. E' loira como a filha, a mesma côr dos olhos, mas no rosto, bem visiveis, ainda, sinais de sofrimento. O doutor senta-se ao lado dela, que lhe conta a sua historia:—«Meus pais viram-se de um dia para o outro reduzidos á miseria: um incendio destruira-lhes todos os seus haveres. Resolvi então procurar rumo. Escrevi a uma amiga que me conseguiu o lugar de governanta em casa da condessa do Rio Verde. De lá casei com o filho dos bons velhinhos, onde encontrou a minha Elisa. Meu marido emigrou, morrendo no Brasil. Fiquei com esta filha, cuja educação a senhora condessa tomou á sua conta. Frequentou o curso dos liceus e seguiria estudos superiores; mas, por infelicidade, a senhora condessa faleceu subitamente. Eu, que já andava doente, piorei com o abalo, e tive de ser aqui internada para me operarem duma apendicite. Desejando poupar os velhotes a este desgosto, nada lhes comuniquei, nem a minha filha, que ficou com os avós enquanto eu ia de visita a uma amiga da falecida condessa. Depois lhes escreveria. Levantei-me há dois dias e deu-me Deus a inefavel alegria de abraçar a minha filha, que deve a vida ao senhor doutor; ela pôs-me ao corrente de tudo; sou-lhe infinitamente grata pelos cuidados que lhe prodigalizou». Mãi e filha abraçam-se enternecidamente. Por ordem do doutor Meneses vão ocupar o mesmo quarto. Elisa conversa com a mãi; confessa-lhe a sua grande afeição pelo medico e o amor que este lhe consagra.

No dia seguinte uma cena bem diferente se passava em casa do pai do doutor Meneses. Este, depois de contar a historia de Elisa, comunica-lhe que pretendia fazer dela sua mulher. O fidalgo encoleriza-se, gesticula, caminha a passos largos, de um ao outro extremo da sala. Opõe-se tenazmente a êsse casamento. Era impossivel que o filho esquecesse o respeito devido ao seu brasão. Mas era livre, podia tomar a resolução que lhe aprouvesse; não contasse, porém, com êle para nada. Que se retirasse e nunca mais os seus pés transporiam aquela porta. O doutor Meneses saiu cabisbaixo, pensando nas palavras que ouvira. De mais conhecia o pai para esperar demovê-lo. Mas um amor sincero e forte não se detem perante obstáculos. O doutor Meneses, em cerimonia recatada e intima, casou com Elisa, trazendo a sogra para junto deles. Já tem um filhinho de dois anos, que baptizou com o nome do avô, o qual continua a não responder ás cartas que o filho, no dia do seu aniversario natalicio e pelo Natal e Pascoa, nunca deixou de lhe escrever; nem sequer acusou a recepção do retrato do neto. E' domingo; o sol, quente e brilhante, põe em festa os corações. O doutor Meneses está no jardim com a mulher e o filho, e planeiam um passeio de automovel. A campainha da porta vibra com força. Instantes depois, numa salva de prata, o criado apresenta ao doutor um telegrama. Lê-o, passa-o á mulher e precipita-se para o quarto em preparativos de viagem:—«Miguel, manda preparar o carro». E para a mulher:—«O meu sobretudo, o meu chapeu». Um amigo telegrafara-lhe, chamando-o com urgencia; o pai estava gravemente enfermo. O doutor Meneses, apenas chega, verifica a gravidade da doença. O pai tem o seu medico assistente, mas ele já não abandona o enfermo. Este pressente o filho, e aperta-lhe suavemente a mão. O doutor Meneses chama a familia para ali. O pai carece de muitos cuidados e ele anda preocupado. Confia na dedicação da sogra, que não deixa o doente um instante. Só ao cabo dum mês de angustiosas incertezas, o doutor Meneses tem esperança. Efectivamente, o doente sente alivios. A mãi de Elisa é infatigavel. O doente olha-a com simpatia. Decorrem mais trinta dias e o fidalgo entra em franca convalescença. Sentado num antigo sofá, entretem-se a conversar com Filomena, a mãi de Elisa. O filho anda radiante por ver o pai recuperar a saude. Desde o falecimento da esposa, o senhor do solar de Meneses vivia afastado da sociedade, em companhia do filho e dos criados. Mas o palacio, outrora silencioso, encontra-se agora cheio de movimento e alegria. O velho já quere muito ao netinho, que corre e pula e ri, com o riso encantador e comunicativo de todas as crianças.

O restabelecimento é lento, mas completo. O fidalgo sente-se com forças; porém, quando passeia no jardim, quere que Elisa ou Filomena o acompanhem. Já lá vão quatro meses. Uma noite, depois do jantar, manifesta desejo de que todos se reunam no seu escritorio. Toma lugar no seu «maple», com o netinho sôbre os joelhos. O filho está á secretaria e perto, sentadas tambem, encontram-se Elisa e a mãi. O velho passa o neto para os braços de Elisa e começa:

—«Meu filho, cumpre-me pedir-te perdão do modo como fôste tratado, quando do teu casamento com Elisa. Eu não a conhecia. Ela é digna de ti, é digna de nós». Após uma pausa, continua:—«Quero ainda testemunhar a minha gratidão a Filomena, pelo carinho com que velou por mim, que muito contribuiu para a eficácia das prescrições medicas. Finalmente, meu filho, quero dar-vos a todos uma prova da minha amizade e do meu profundo reconhecimento». Levanta-se dirige-se para o cofre, tirando de dentro o seu testamento:—«Tinha disposto da maior parte de meus bens em proveito de pessoas estranhas. Porém, a solicitude, os cuidados de que me rodearam, vieram provar-me a injustiça do meu procedimento. Toma o testamento, meu filho, rasga-o». Depois, em tom comovido, acrescenta:—«Já não saberia viver sem vós. Fiquem todos nesta casa. Filomena, cujas qualidades de caracter tive ensejo de apreciar durante a minha enfermidade, tomará a direcção do solar».

O pai e o filho abraçam-se comovidamente, enquanto Elisa e Filomena choram de jubilo.

MARTHA RODRIGUES

OS LIVROS DA SEMANA

CONSIDERAÇOES MELANCOLICAS A PROPOSITO DE UMA CARTA DO SR. AQUILINO RIBEIRO

I — Os autores e a critica

De ha muito que pensava escrever algumas reflexões sobre a maneira como certos autores portugueses reagem perante a critica. Esse momento chegou. Os meus quasi três anos de critica neste jornal facultam-me já uma documentação curiosa. Começo por pôr de parte o valor ou não valor dos meus juizos criticos. Desde que comecei a escrever neste jornal que pus em relêvo a falibilidade da critica. A 11 de julho de 1936, data da minha primeira cronica *Os Livros da Semana*, escrevia eu, á guisa de introdução, entre outras coisas, que em Portugal sempre que um critico põe restrições a uma obra arrisca-se a que o autor dela descortine no juizo daquele qualquer maquinação cavilosa contra o seu talento. Note-se: não isentava a critica — certos críticos — desse pecado. Atribuía mesmo á critica portuguesa um pessoalismo lamentavel. Rogava, no entanto, aos criticados que começassem por dar o exemplo de isenção.

Após quasi três anos de luta, nada mudou no meu ponto de vista. Continuo a ter as minhas suspeitas de que o unico critico infalivel é o tempo. Oxalá que todos os meus juizos pessimistas venham a ser desmentidos por esse critico dos criticos.

Assente, pois, que sou eu o primeiro a prever a falibilidade dos meus juizos, vejamos se os autores portugueses me têm feito a justiça de me julgarem senhor daquela isenção que seria bom considerar, em principio, como apanagio de toda a critica. Não me refiro, repito, ao valor doutrinario das minhas apreciações. E'-me impossivel despir por completo as roupagens do meu gôsto pessoal, da minha sensibilidade pessoal, das minhas tendencias estéticas pessoais, da minha cultura pessoal. Não posso ter a veleidade de me supôr capaz de uma impersonalidade muito pouco propria do bicho homem. Insisto: não é á orientação estética das minhas criticas que me refiro. Não é isso que está em causa. O que está em causa é a imparcialidade dos meus juizos em relação á pessoa dos criticados. Muitos daqueles autores a quem as minhas apreciações têm desagradado me apontam ao publico como criatura movida por antipatias pessoais, ressentimentos, vinganças, facciosismos, etc. Neste capitulo as minhas experiencias são tão surpreendentes como penosas. Alguns amigos tenho perdido; muitas portas para o futuro se me fecharam; não poucos cabelos brancos me têm nascido...

Estranhará, talvez, o leitor o tom melancolico e afinal pouco critico destas considerações. Razões particulares o determinaram. Mas não só razões particulares. Tambem razões de civismo. Pois não haverá maneira de os portugueses começarem a pôr um bocadinho de elevação na sua vida intelectual? Confesso: a minha experiencia é decepcionante. Verifico que até os mais altos valores das letras nacionais se não salvam das fraquezas em que incorrem os infimos. Raros são aqueles capazes de sobrepujar o lodo humano de que todos nós somos feitos. Como se a mais alta missão do intelectual não fôsse precisamente antepôr aos valores pessoais os valores do espirito! Propendo a pensar, como certo pessimista meu amigo, que o português é inimigo do espirito. O meu pessimismo ainda é maior: entre nós o maior inimigo do espirito é o proprio intelectual!

Para ilustrar o que afirmo, eis alguns casos pitorescos da minha documentação. Certo dia fui procurado por um conhecido que me veinha pedir licença para me apresentar um jovem escritor que muito queria falar-me. Suponho estar bem patente nas minhas criticas a simpatia com que acôlho os desconhecidos. Direi até que tiro um certo orgulho de pôr em confronto desconhecidos de talento com conhecidos desprovidos dele. De facto tive o gôsto de receber em minha casa o jovem empenhado em conhecer-me. Era ele autor de um folheto onde reunira duas ou três conferencias. Começou por me pedir que não deixasse de lhe dizer publicamente aquilo que pensava do seu livrinho, pois muito prezava os meus juizos, a minha isenção, a minha cultura, etc. E não deixou de acrescentar, insistindo, repetindo, teimando, que era pessoa cheia de modestia, pessoa cheia de humildade, pessoa ávida de conhecer o seu justo valor. Por isso me rogava, me pedia, me implorava que fôsse para ele justo, severo. Dias depois li a obra do jovem modesto e vi nela uma confusão mental nada desculpavel em quem devia ter pouco menos de trinta anos. Não hesitei. Não podia hesitar: primeiro, porque não costumo hesitar em dizer aquilo que penso, segundo, porque o autor muito me pedira que não deixasse de o julgar como ele merecia. Resultado: tempos depois venho a saber que esse mesmo jovem distribuira por jornais da capital e da provincia, com pedido de publicação, uma «prosa», assinada com um pseudonimo, onde eu era considerado o ultimo dos criticos e o pior dos homens.

Será preciso extrair a moralidade desta edificante fabula? Bem: este homem ainda teve pudôr. Escondeu-se no anonimato, para me não dar o espectaculo indecoroso da sua inconstancia. Não me julgara ele pessoa competente? Não me atribuíra predicados intelectuais de monta? Não protestara respeito ilimitado pela minha opinião critica? Sim: antes de conhecer o meu juizo sobre a sua obra. Depois, tudo mudou. Mas para que eu ignorasse a sua nova opinião a meu respeito traçou a capa do anonimato por diante do modesto rosto. Que diabo! Sejamos indulgentes; este, ao menos, se não é virtuoso, sabe que a virtude existe... Ha, porém, quem perca o pudor. Certo estreante, por exemplo, enviou-me as suas primícias com esta dedicatoria desvanecedora: «Para J. G. S., velho amigo dos bons tempos do Colegio L. F., com muito apreço pelas suas altas qualidades de inteligencia e pela sua grande cultura, homenagem de...». Li a obra deste meu *velho amigo* e reconheci ser ela menos do que boa — simplesmente péssima. Aqui mesmo, neste jornal, disse da minha justiça. Resultado: pouco depois, *o meu velho amigo, o admirador da minha inteligencia e da minha cultura*, rompe num jornal de Lisboa, furibundo, contra mim, pois eu era um incompetente, um ignorante, um faccioso, e — ó ceus! — um seu *velho inimigo pessoal*! Até no impudor deve haver limites. Tamanho impudor emmudeceu-me.

Eis dois casos de consideração privada pelo critico que se transforma em desconsideração publica. Mas ha tambem a consideração publica convertida em publica desconsideração. Ha aqueles que um dia escreveram longos artigos a nosso respeito, altamente elogiosos, e que de subito nos consideram alimárias, mentecaptos, tolos... São frequentes estes casos. Aí vai um edificante. Ha anos, ha uns bons quatro anos, certo escritor português abria com estas palavras um artigo acêrca de um meu romance: «Noutro país onde o respeito pelo trabalho literario não fôsse apenas apanágio de meia duzia, — o nome de J. G. S. andaria na curiosidade de toda a gente, e no aplauso de toda a gente, depois da publicação deste romance...». E esse mesmo artigo fechava assim: «E em muitas paginas deste optimo livro se denuncía, não como promessa a incitar, mas como afirmação muito forte que se deve enaltecer, aquilo que J. G. S. se nos mostra: — um notavel escritor português». Correram os tempos, comecei a assinar criticas neste jornal, o autor do artigo encomiastico publicou livros, apreciei-lhos, e daí a pouco eis-me considerado pelo meu ex-admirador um pobre tôlo, um tipo risivel, um asneirola, um mentecapto incapaz de escrever duas linhas aproveitaveis.

Preguntar-se-á: não pode um homem mudar de opinião? Naturalmente. Mas não é sensato considerar-se hoje estupido quem ainda ontem se considerava inteligente, considerar-se hoje ignorante quem ainda ontem se considerava culto, considerar-se hoje tôlo quem ainda ontem se considerava digno de todo o respeito. Se ontem atribuimos a um autor o que hoje lhe negamos, tudo leva a crer estarmos em êrro. Ou errámos da primeira vez ou estamos a errar da segunda. E o êrro tornar-se-á tanto mais grosseiro quanto menos evidentes fôrem as razões que nos levam a mudar tão radicalmente de opinião. Tal versatilidade legitima todas as suspeitas. Sempre que vemos coincidir a mudança de opinião a nosso respeito com um juizo nosso desfavoravel á pessoa que mudou de opinião sentimo-nos no direito de exclamar: «Alto — este homem é um despeitado!».

Posto isto, pregunto: que despeitos me terão movido a julgar desfavoravelmente as obras daqueles de quem só tenho recebido provas de admiração? Porque teria eu julgado inferior a obra daquele rapazinho que parecia venerar-me? Porque teria sido eu implacavel para com o livro do *meu velho amigo*, que tão inteligente e tão culto me julgava? Porque teria eu verberado aquele escritor de quem só recebera elogios publicos? Porque me terei eu incompatibilizado com os proprios amigos? Porque disfruto eu hoje, junto das pessoas de quem mais beneficios poderia usufruir, situação tão pouco lisongeira? Não serei eu quem responda a estas interrogações. Duas ou três pessoas houve já que publicamente me fizeram justiça. Limitar-me-ei a dizer que acima da minha vaidade, acima das minhas comodidades, acima dos meus interesses, acima das minhas amizades, ha para mim coisa bem mais importante: ha a minha dignidade intelectual, ha o respeito pela missão que me confiaram. Eis o que muitos autores por mim criticados parecem não querer compreender. Eis o que me não perdoam.

II — O sr. Aquilino Ribeiro e a critica

Vem tudo isto a proposito de uma carta do sr. Aquilino Ribeiro. De nada me valeu ter eu consagrado a este escritor quatro ou cinco artigos criticos de quasi incondicional aplauso. Mal me vi obrigado a pôr restrições á sua obra, logo vi surgir perante mim a desconfiança, logo me vi reduzido a *cavalheiro de má fé* e a «pretenso-critico». Isto, não obtante o sr. Aquilino Ribeiro se não ter cansado, durante muito tempo, de me mimosear, em conversas amistosas e nas dedicatorias dos seus livros, com protestos de «inalteravel admiração» e «todo o apreço que me merece a sua inteligencia lucida», etc., etc. De um dia para o outro, alterou-se a «inalteravel admiração», obscureceu-se-me a «inteligencia lucida». Eis-me reduzido a «pretenso-critico», a cavalheiro a quem merece pouco obsequio «a verdade e o trabalho dos outros». Eis-me reduzido a uma sombra do que fui.

Mentiria se ocultasse a tristeza que me causou a carta do sr. Aquilino Ribeiro publicada no *Diario de Lisboa* de 20 do corrente. Mais uma esperança malograda! Perante a *admiração consciente*, até os grandes sossobram. O sr. Aquilino Ribeiro deixou de me julgar um amigo, deixou de me julgar um camarada, deixou de me julgar lucido, deixou de me julgar leal, deixou de me julgar pessoa humana desde que eu tive de lhe dizer: o sr. é um grande prosador, mas escreveu um fraco romance.

Acho absolutamente legitimo que o sr. Aquilino Ribeiro tenha chamado a minha atenção para o facto de eu querer comprovar a inverosimilhança do diálogo do seu romance com um trecho mal escolhido. Com efeito, não era aquele o exemplo a apresentar, sobretudo num livro onde os exemplos daquela ordem não faltam. O que me magoa é que o sr. Aquilino Ribeiro, que me conhece, que ainda ha poucos meses louvou a minha honestidade escrevendo-me uma carta generosa a proposito de um torpe ataque de que eu fôra vitima, visse logo má fé e desrespeito pelo trabalho alheio no meu insignificante lapso. Nada na minha conduta, suponho, poderia habilitar o sr. Aquilino Ribeiro a julgar-me assim. A ninguem melhor que ao sr. Aquilino Ribeiro, que conhece as minhas condições de trabalho, a ninguem melhor que ao sr. Aquilino Ribeiro, autor do seu proprio livro, competia desculpar-me. Tratava-se, afinal, de uma confusão mais do que explicavel. A pouca verosimilhança da cena onde, ao acaso, escolhi o meu exemplo facilmente a justificava. Já veremos que assim é. Demais, tal confusão em nada atingia o essencial da minha critica ao romance *Monica* nem provava que eu tivesse passado os olhos pelo livro como «gato por brasas», no dizer pitoresco do sr. Aquilino Ribeiro, pois, nessa hipotese, teria sido muito mais facil ver-me errar no juizo sobre a inverosimilhança geral da intriga, juizo que o sr. Aquilino Ribeiro não contesta. E' indiscutivel que o sr. Aquilino Ribeiro foi oportuno. Provada a minha desatenção áquele pormenor, pensou o sr. Aquilino Ribeiro, *ficava provado o nenhum valor da minha critica ás linhas gerais do romance*. Mas, verdade verdade, tal expediente é pouco digno do sr. Aquilino Ribeiro. A isto se costuma chamar, em *vernaculo*, «esperteza saloia».

Efectivamente, consigna-se no romance que Mónica reproduz de cór um artigo do dr. Tavarêde intitulado *As rãs de Aristofanes*. E essa milagrosa reprodução oral de uma peça retorica digna do autor de *Mónica*, que o sr. Aquilino Ribeiro, na sua carta, diz prolongar-se, intermeada de meras exclamações da *Fraulein* e marcações do romancista, por duas paginas, ocupa, no livro, *quatro paginas e meia*, e é *mais do que uma vez interrompida por interrogações* da *Fraulein* e até *por resposta de Mónica tiradas da sua prodigiosa cabecinha*. Isto não o disse o sr. Aquilino Ribeiro. Mas digo-o eu. Isto faz com que a cena seja em si mesma tão disparatada que o atribuir as considerações do dr. Tavarede sôbre teatro grego á sua pretensa apaixonada seria beneficiar o sr. Aquilino Ribeiro:

Primeiro—porque continua a ser inverosimil que uma rapariguinha de catorze anos que tanto «chorava sôbre as desditadas heroinas de Camilo como sôbre as infelizes a prazo fixo de Henri Ardel» e era de uma «angelical ignorancia», como se diz a paginas 43 do proprio romance, fôsse capaz de se pôr a decorar um artigo tão *transcendente* e arravesado como aquele que o romancista nos quere fazer crer que Mónica reproduz;

Segundo—porque a «angelical ignorancia» de Monica é incompativel com a segurança que ela imprime ás suas palavras, sobretudo nos a-propositos, e é mesmo incompativel com o estado de adiantamento dos seus estudos, pois Mónica, tem catorze anos e foi aos onze que o pai lhe contratou a *Faulein;*

Terceiro—porque a *Fraulein* não se limita a soltar exclamações perante a verborreia da disciplina, como afirma o sr. Aquilino Ribeiro na sua carta, mas Mónica obra o prodigio de responder a preguntas suas com o texto do artigo do dr. Tavarede. Quando Mónica lança a primeira tirada (p. 73), a professora interrompe-a:

—«Está bem, mas que significa o *brekekekex, coax, coax?*—tornou a mestra interrompendo-a!» Aqui o romancista diz-nos que Mónica ficou perplexa, mas logo, sem vacilações, respondeu:

—«Puh, em meu juizo não quere dizer nada, Vozes ao vento».

A *Fraulein* exclama:

—«Ora essa!» E Mónica redargue:

—«Pois que poderá significar?... As rãs da lagoa Estigia, etc., etc.»

Há ou não há aqui uma interrogação da *Fraulein?* Há ou não há uma resposta de Mónica? Evidentemente. Mas o extraordinario é ver Mónica responder á interrogação da *Fraulein* com palavras do artigo que se encontram no trecho do mesmo artigo transcrito a p. 78-79 quinze linhas depois do ponto onde Mónica fôra interrompida pela *Fraulein*. Mais — aquele «...em meu juizo não deve querer dizer nada. Vozes ao vento» está no artigo do dr. Tavarede nas vigésima e vigesima primeira linhas e a parte que Mónica papagueia a seguir: «as rãs da lagoa Estigia entoam...» está na decima setima linha. Quere dizer: Monica possue uma memoria tão fenomenal, atento sobretudo a que o sr. Aquilino Ribeiro concorda que ela não podia estar á altura de discutir teatro grego, que foi capaz de reproduzir, como reproduziu, quasi sem vacilações, frases do mesmo artigo, *mecanicamente decorado*, linhas adiante, linhas atrás, dando ao leitor e á *Fraulein* a impressão de responder, *com toda a consciencia*, a objecções e interrogações. Isto é: teria sido muito mais verosimil atribuir a Mónica tais considerações do que apresentá-las como reprodução textual de um artigo decorado e *incontestavelmente* assimilado. Perante isto—e eu rogo ao leitor imparcial que verifique no texto de *Mónica* o que eu acabo de mostrar—pregunta-se: não era naturalissimo confundirem-se as palavras pronunciadas por Mónica com palavras dela propria? Não era naturalissimo que eu, leitor de tantos livros, lidos, sabe Deus como, nos intervalos dos meus trabalhos profissionais, pudesse incorrer, *sem má fé*, numa tal confusão?

Aceitando, todavia, a minha confusão como indesculpavel, ter-se-á de concluir que os diálogos de *Mónica* não são, na generalidade, artificiais, literarios, inverosimeis, improprios das personagens que falam? Para mostrar a justiça da minha afirmação não é preciso sair da cena de p. 73 e seguintes. Ao contrario do que afirmou o sr. Aquilino Ribeiro, Mónica não se limita a papaguear o tal artigo—fala por sua conta e risco, discute com *Fraulein*. Em resposta a outra objecção da professora, Mónica mostra-se tão doutoral, tão absurdamente *bas-bleu* como eu a julguei. A *Fraulein* diz, interrompendo Mónica:

—«*Schlecht!*—bramiu Fraulein Rottemberg com ar de Minerva ofendida, as faces cobertas de rubor, leve espuma ao canto dos labios.—Que perversão é essa, Monichen?... Preferir Esquilo, um eupatrida, autor da maior trilogia que *nos legou a antiguidade classica, essa divina Oréstia*, ao autor duma *obra charra, e plebeia de verrina e pustula, filho duma regateira? Schlecht, schlecht!* O seu livro não diz isto!» Resposta imediata de Mónica:

—«Por acaso não está bem? Peço perdão, Fraulein, mas já lhe ouvi dizer que a arte *não tem que apresentar certificado de origem. Tambem lhe ouvi dizer, se não estou em erro, que não tem sexo e que quanto mais universal mais resiste ao tempo?*»

O italico é meu. Por ele se prova que *Fraulein* e Mónica falam ambas como qualquer doutor. A *Fraulein*, uma estrangeira, fala mesmo com o «populismo» do sr. Aquilino Ribeiro.

Perante exemplo tão flagrante da falta de verosimilhança dos dialogos de *Mónica* é, de facto, para lamentar que eu fôsse citar outro, menos probatório da inverosimilhança dos dialogos e mais explicitamente probatorio do artificialismo de toda a *Mónica*. Ninguem lamenta isto mais do que eu, sobretudo por ter prestado um mau serviço ao sr. Aquilino Ribeiro. O sr. Aquilino Ribeiro desceu do seu pedestal e deparou-se-nos na sua verdadeira estatura.

As minhas objecções ao romance *Monica* estão de pé. A inverosimilhança da sua intriga é um facto, a inverosimilhança dos dialogos é um facto, a artificialidade das figuras é um facto, é um facto o romance *Mónica* ser obra pouco digna do sr. Aquilino Ribeiro. E' certo que para este escritor nada contam os juizos dos criticos. O autor de *Mónica* mostra-se muito mais sensivel aos adjectivos das gazetas, ás quais é indiferente chamar *grande* ao sr. Aquilino Ribeiro ou a qualquer Zé dos Anzois, do que á admiração consciente, desinteressada, de *pretensos criticos* como eu. E' caso para dizer: muito bom proveito!—JOÃO GASPAR SIMÕES